

Dois enfoques a respeito
da cultura na cidade do
Rio Grande



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**
Fundada em 1846

**Dois enfoques a
respeito da cultura
na cidade do Rio
Grande**



BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Francisco das Neves Alves

Dois enfoques a respeito da cultura na cidade do Rio Grande



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

Rio Grande
2025

Ficha Técnica

- Título: Dois enfoques a respeito da cultura na cidade do Rio Grande
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Biblioteca Rio-Grandense
- Rio Grande
- 2025

ISBN – 978-65-5306-090-6

CAPA: Prédio da Biblioteca Rio-Grandense

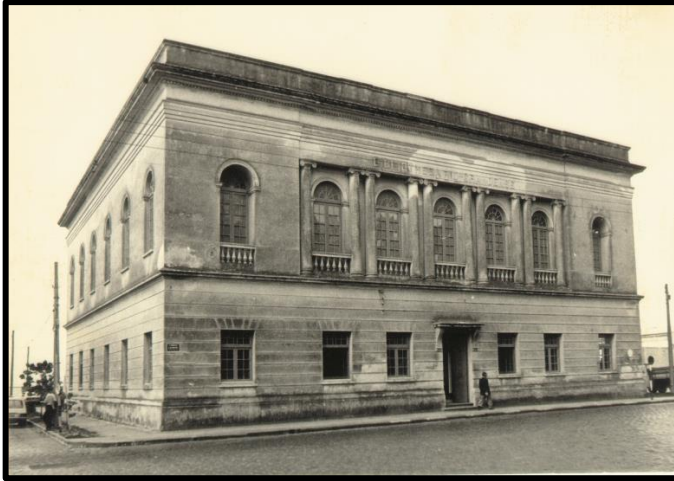
O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

SUMÁRIO

De Gabinete de Leitura a Biblioteca Rio-Grandense: brevíssimo histórico acerca da mais perene instituição cultural rio-grandina / 9

Feira do Livro da FURG: três apontamentos históricos / 33



De Gabinete de Leitura a Biblioteca Rio-Grandense: brevíssimo histórico acerca da mais perene instituição cultural rio-grandina

Era o inverno de 1846. O Rio Grande do Sul ainda lambia suas profundas feridas abertas durante dez anos de guerra civil. O enfrentamento entre farroupilhas e legalistas, o mais grave dos conflitos bélicos oriundos da crise da época regencial, levava à província a um desgaste humano e material extremo.

A palavra de ordem passara a ser reconstrução. Tornava-se necessária a retomada da produção pecuário-charqueadora, base da economia sul-rio-grandense, bem como a volta dos peões às suas atividades, deixando de lado as armas, para novamente dedicarem-se às lides campeiras. Era preciso ainda amainar os ódios e paixões partidárias pelas quais se colocaram em contraposição os grupos rivais naqueles tempos de configuração dos aportes ideológicos que marcariam o Brasil das décadas seguintes. Mas não seria apenas com base nos fundamentos socioeconômicos e políticos que se daria a reconstrução gaúcha, tornando-se também imperioso o aprimoramento do ponto de vista cultural. Foi exatamente em tal contexto que se originou o primeiro Gabinete de Leitura sulino, na cidade do Rio Grande.

A mais antiga localidade sul-rio-grandense, fundada como um povoado junto às fortificações que visavam garantir a incorporação do território gaúcho ao projeto colonial luso, o Rio Grande teria uma significativa função político-estratégica nos primeiros anos de tal processo de colonização. Ainda que viesse a perder suas características de centro administrativo regional, a povoação evoluiria, ascendendo à condição de vila e afirmando-se a partir das atividades comerciais, ainda mais por constituir o único porto provincial, chegando a ser denominada de porta de entrada do Rio Grande do Sul, por viajantes que visitaram estas terras. Notadamente a partir das transformações que sacudiram o Brasil, com a sua

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

abertura ao mercado internacional, culminando com a emancipação política, o Rio Grande cresceria como núcleo urbano e como o mais importante empório mercantil da província, vindo, inclusive, a ser elevada à categoria de cidade em 1835.

Assim, transformara-se o estabelecimento portuário rio-grandino no principal ponto de escoamento do charque e produtos pecuários gaúchos, bem como de entrada das importações. Mas as atividades em tal porto iam bem além da chegada e saída de mercadorias. Por ali chegavam também as pessoas, os jornais, os livros e, em outros termos, as informações/opiniões expressas nacional e internacionalmente, os debates político-ideológicos que davam a volta ao mundo, então sacudido pelas revoluções liberais e os conceitos artístico-culturais que cultuavam ou combatiam o *status quo* reinante. Nesse sentido, aos poucos, a cidade do Rio Grande também se consolidaria como um centro cultural de relevância nos quadros regionais, pois as notícias chegavam ali primeiro, bem como as companhias cênicas e musicais ali se apresentavam antes de se dirigirem a outras localidades e mesmo à capital da província.

Todo este contexto tornava a cidade do Rio Grande um ambiente propício no qual se daria a gênese da reconstrução cultural da província no pós-guerra. Somava-se àqueles fatores uma certa tendência pelo gosto da leitura na comuna litorânea. Não é para menos que ali tinham surgido alguns dos mais antigos periódicos sul-rio-grandenses, sendo que

a cidade contaria com uma importante imprensa na conjuntura gaúcha do século XIX, mantendo níveis quantitativos/qualitativos inferiores à capital, mas superiores a todas as demais localidades rio-grandenses, de modo que ali se praticava um jornalismo de ponta para os padrões da época e da região. Levando em conta todos estes fatores e com base na premissa pela qual o aprimoramento da leitura era um condicionante essencial para o progresso das nações, um conjunto de cidadãos de ascendência portuguesa reuniu-se em agosto de 1846 para dar origem a um centro onde as pessoas tivessem a oportunidade de ler, realizando tal ato tanto para aprofundar seus conhecimentos culturais/intelectuais quanto para promover o entretenimento.

A ideia original daquele grupo, coordenado por João Barbosa Coelho, era a de formar um Gabinete de Leitura no seio do qual os associados pudessem usufruir de livros que seriam adquiridos com o fundo arrecado a partir dos sócios e mediante doações. Tal espírito associativo e comunitário, bem como a manutenção da natureza de foro privado, sem participação direta do poder público, fortemente presente no ato inaugural de 15 de agosto de 1846, se transformaria em uma característica essencial da casa cultural, que assim permaneceria ao longo de toda a sua existência, mantendo-se a inspiração dos fundadores. Depois de algum tempo, a ideia original dos proponentes do Gabinete de manter uma associação junto da qual seus membros pudessem usufruir da leitura passaria a ser superada, já que o

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

acesso aos livros viria a tornar-se cada vez mais amplo, atingindo outros interessados que não apenas os sócios.

O acervo crescia constantemente e o espaço para a alocação dos livros tornava-se seguidamente insuficiente. Além disso, havia o inconveniente do Gabinete não possuir um imóvel próprio. De acordo com tal perspectiva, a sede da instituição cultural passou por mudanças constantes, ocupando vários prédios no centro citadino, como aqueles das ruas do Arsenal, da Praia e da Alfândega. Além dos livros, o Gabinete de Leitura oferecia também o acesso a periódicos que caíam no gosto dos leitores, não só os noticiosos e políticos, mas também os literários e ilustrados. Os avanços eram notórios, mas os limites não deixavam de se fazer presentes, notadamente no que tange aos recursos necessários à manutenção do acervo. Dava-se assim uma alternância entre períodos mais prósperos e outros de diversos contratempos. Os óbices tornaram-se mais críticos no início dos anos 1870, quando o patrimônio do Gabinete esteve ameaçado de ir à penhora, tendo em vista processo movido por um dos próprios membros que compusera a sua diretoria.

Aquela era ainda uma época na qual o mecenato constituía uma prática usual e a crise foi superada a partir do apoio do Barão de Vila Isabel, que não só cobriu todas as dívidas do Gabinete como passou a atuar decisivamente à frente da entidade, visando a sua reestruturação. Em 1878, o Gabinete de Leitura, que estivera bem perto do fim, viveria uma

verdadeira revolução interna com a mudança estatutária e organizacional, alterando inclusive a sua denominação, passando a chamar-se Biblioteca Rio-Grandense. Ainda que modificada em sua estrutura, a Biblioteca não perdeu sua razão de ser inicial, mantendo o caráter privado e associativo. Iniciava-se então um período de crescimento ainda mais intenso, em termos de acervo, de número de sócios e de atendimento à sociedade como um todo. Ao lado dos livros e documentos disponíveis, a instituição passou a organizar exposições e conferências literárias que mobilizavam o público em torno dos intentos culturais. Mas ia além, buscando também ampliar o número de leitores, vindo, na mesma época, a oferecer cursos noturnos que se transformariam em prática recorrente, permitindo o acesso ao estudo para aqueles que não tinham condições de frequentar o ensino regular, mormente os trabalhadores.

Apesar dos progressos, uma das preocupações centrais das diretorias permanecia ligada à conquista de um prédio definitivo e próprio para sediar a Biblioteca. Houve até mesmo a possibilidade do recebimento de um terreno de parte do poder público, no qual deveria ter sido fundada uma escola, mas cujo edifício em construção sofreu com um incêndio antes mesmo de ser concluído. Tal solução, entretanto, acabaria por não ser efetivada. O encaminhamento definitivo só viria já próximo ao encerramento do século XIX, quando a Biblioteca Rio-Grandense adquiriu por compra, na Rua General Osório, o edifício no qual funcionara a Câmara Municipal,

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

depois Intendência, que passara a se instalar em prédio próximo. A partir dali os trabalhos da Biblioteca deslancharam ainda mais e ela crescentemente se transformaria no epicentro cultural cidadão. Em torno dela reuniram-se representantes da intelectualidade local e regional, fosse como membros da diretoria, fosse como promotores de atividades literárias, educacionais e culturais de amplo alcance.



- uma das feições que teve o prédio que se tornou sede definitiva da Biblioteca -

Uma outra grande reforma predial e organizacional ocorreria alguns anos depois, com a ampliação do edifício, aumentando em pelo menos quatro vezes a sua capacidade de armazenamento de acervo, além de uma reestruturação estatutária, sem que fossem alteradas as condições fundamentais de sua existência. A Biblioteca continuava firme em seus

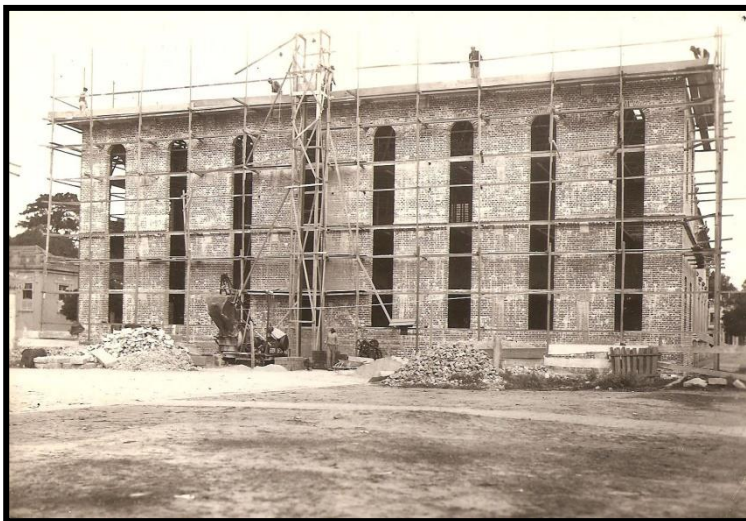
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

propósitos não só de estimular a leitura, mas também de aprimorar a cultura, com a continuidade de seus cursos noturnos e da realização de exposições, conferências e eventos. Ia além, lançando reedições de obras raras e/ou esgotadas, cujo acesso era dificultoso. No seu seio reuniram-se entidades e grupos de intelectuais, estudaram pesquisadores de renome nacional e internacional e foi ela também decisiva para a implantação das primeiras experiências do ensino superior no Rio Grande. O empório comercial que também passara por um avanço no campo industrial tinha na sua Biblioteca um motivo de orgulho no que tange aos alcances culturais da urbe.

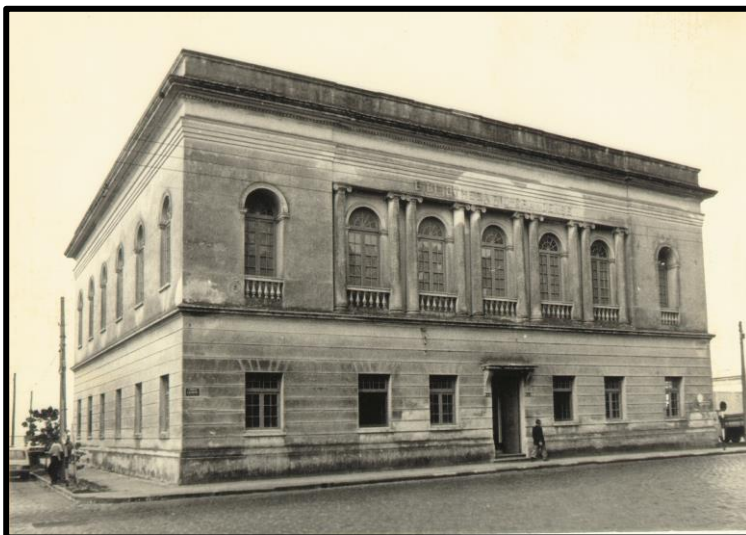


- obras de expansão do prédio -

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE
DO RIO GRANDE



- obras de expansão do prédio -



- o prédio em sua feição definitiva -

Ao completar seu centenário, a Biblioteca foi homenageada pelo jornal *Rio Grande*, que reuniu vários textos alusivos à data. Um deles dizia:

O Rio Grande comemora, hoje, o centenário da sua Biblioteca Pública. As glórias dessa efeméride pertencem, de exclusivo, à cidade onde ela se ergue e se ostenta, como galardão legítimo de seu progresso. Mas a significação desse acontecimento orgulha e enaltece o Rio Grande do Sul, que tem na Biblioteca Rio-Grandense um monumento perene a atestar o desenvolvimento mental e espiritual de seu povo.

É que o modesto Gabinete de Leitura, fundado nesse longínquo 15 de agosto de 1846, quando a vila de São Pedro recém adquirira os seus foros de cidade, soube transformar-se, no decurso de cem anos, pelo esforço de gerações que se sucederam, na famosa Biblioteca Rio-Grandense, cujo renome já transpôs, de há muito, os horizontes da vida municipal, para projetar-se e impor-se no cenário cultural do país, como a primeira do estado, ocupando o sexto lugar entre as suas congêneres no Brasil. (...) Abarcando, com efeito, na imensidão de seu arquivo bibliográfico, a crônica histórica e cultural do estado, a Biblioteca Rio-Grandense é o mais fecundo repositório dos faustos do nosso passado. Quem desejar aprofundar-se na análise da vida pretérita do Rio Grande do Sul, acompanhar o sentido da sua cultura e as coordenadas da sua civilização, terá, forçosamente, de recorrer às estantes repletas do velho casarão da Praça Xavier Ferreira. Ali palpita o Rio Grande do Sul, da sua gênese aos dias que correm, na exuberância viril da sua história, nas etapas marcantes da sua evolução,

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

na apoteose dos seus talentos, na criação dos seus artistas, no pensamento maduro dos seus escritores, na inspiração de seus poetas, na combatividade dos seus jornalistas, na erudição dos seus ensaístas e sociólogos, na eloquência dos seus oradores, nos embates parlamentares dos seus políticos.

Em cem anos de existência profícua, a Biblioteca Rio-Grandense acumulou com carinho, colecionou com paciência, selecionou com cuidado, o mais farto documentário da vida rio-grandense, dos seus reflexos no Brasil, das suas relações com os países vizinhos. (...)

Auxiliem os nossos poderes públicos essa relevante iniciativa, amparando financeiramente a Biblioteca, colaborem todos os rio-grandinos nessa cruzada emancipadora e recuperadora de valores sociais, e a cidade do Rio Grande terá prestado um grande serviço ao Rio Grande do Sul, iniciando uma campanha que se sobreleva às demais, porque importa na libertação espiritual do nosso povo. Que esses cem anos de labor fecundo, que fizeram da Biblioteca Rio-Grandense uma expressão altíssima do progresso mental do nosso Estado, sirvam-nos de exemplo para que, nestes dias de inquietação em que vivemos, se abram as portas desse templo de conhecimento à sede cultural das classes populares, e o Rio Grande, a cidade do trabalho e do músculo, será, também, a cidade do cérebro e do espírito!¹

As vivências culturais da Biblioteca Rio-Grandense vêm sendo marcantes em vários campos

¹ SCHULTZ FILHO, Guilherme. Uma instituição do Rio Grande para o Rio Grande do Sul. In: RIO GRANDE. Rio Grande, 15 ago. 1946, p. 1.

de atuação. Ao colocar seu acervo à disposição da comunidade em geral, a Biblioteca passou a ser denominada pelo epíteto de “Pública”, embora, desde a sua criação, constitua uma instituição de caráter privado, sustentada somente a partir da contribuição de seus sócios. No entanto, tornou-se conhecida como “pública” tendo em vista o amplo serviço que presta no atendimento à população, desde os estudiosos e cientistas das mais variadas áreas do conhecimento humano até a criança em processo de alfabetização.

A ampla atuação da Biblioteca pode ser denotada por algumas das metas que seu estatuto traçava para a entidade em meados do século XX: manter em sua sede uma biblioteca pública para a leitura de livros, jornais e revistas; difundir a instrução por meio de aulas gratuitas e de cursos de caráter teórico e especializado, quando sua criação for julgada oportuna; organizar arquivos, museus e coleções em geral; criar e manter bibliotecas circulantes ou filiais, no município do Rio Grande ou fora dele; fomentar o desenvolvimento das ciências, das letras e das artes, fundando e auxiliando a manutenção de centros de estudos e pesquisas; montar oficinas de encadernação e tipográfica para os serviços próprios e preparo de profissionais; estabelecer um pequeno observatório astronômico; proteger por todos os meios ao seu alcance a fundação de bibliotecas em outras localidades do país, principalmente no estado; e adquirir, arquivar ou imprimir originais literários ou artísticos, podendo

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

também reimprimir livros raros e editar jornais ou revistas².

Foram muitos os historiadores que, ao longo do tempo, ressaltaram a relevância da Biblioteca Rio-Grandense. Nesse sentido, afirmou-se que ela significava o conjunto de todos os pensamentos humanos trasladados em livros, que foram, através dos séculos, incitar as gerações a prosseguir na trilha luminosa da ciência e das letras, oferecendo um refúgio sagrado das almas sedentas de um futuro mais vasto, de modo que tal instituição, escudada no seu passado, tinha direito, pois, a uma parte das simpatias dos homens de boa vontade³. Foi dito também que, ao observar-se o seu acervo, seriam vistas as raridades, as preciosidades, os valores altíssimos, intrínsecos, e, mais ainda, estimativos, que opulentavam e enobreciam aquela casa, numa riqueza imensa que ela, de portas abertas, dava a todos quantos desejassem maravilhar-se na beleza e enriquecer-se na utilidade dos seus tesouros⁴.

Destacou-se essa casa cultural ainda pela destacada atuação no cenário cultural do Rio Grande do Sul, influenciando na formação de grande número de

² BARRETO, Abeillard. Patrimônio cultural do Brasil. In: *Correio do Povo*, 26 abr. 1946.

³ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. 15 de agosto de 1846. In: *15 D'Agosto - número único comemorativo do 40º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1886. p. 2.

⁴ FONTOURA, Edgar. *A Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: Oficinas do *Rio Grande*, 1933.

intelectuais e facultando o estudo de obras raras a cientistas de renome⁵, além de ser reconhecida fora do Brasil, correspondendo-se com eminentes bibliógrafos, constituindo, enfim, uma instituição que honrava a sua cidade e enaltecia a sua cultura⁶. Dessa maneira, considerava-se que era com a sensação plena da responsabilidade cumprida e com tal ânimo que a Biblioteca Rio-Grandense contribuía com a grandeza e a felicidade do Brasil, numa permanente vigilância pelos seus foros de civilização e num continuado esforço em prol de sua inteireza moral e de seu progresso material⁷. Ela foi apontada ainda como uma venerável instituição, a qual plasmou, ao longo de sua existência, um papel indelével como depositária da cultura, do conhecimento e das experiências individuais e coletivas da humanidade⁸.

Atualmente, a Biblioteca Rio-Grandense conta com aproximadamente quatrocentos e cinquenta mil livros, além de um acervo formidável de documentos em geral e, com grande destaque, para a sua coleção de jornais, uma das mais completas, notadamente quanto aos periódicos gaúchos e rio-grandinos, que

⁵ BARRETO, Abeillard. Uma iniciativa benemérita. In: *Correio do Povo*, 17 abr. 1946.

⁶ MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Um centenário. In: *Rio Grande*, 18 maio 1946.

⁷ BARRETO, Abeillard. Vigilância permanente e esforço continuado. In: *Correio do Povo*, 27 abr. 1946.

⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura*. Rio Grande: FURG, 2005. p. 6.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

circularam desde os primórdios do século XIX. Afora ser a mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul, a Biblioteca ainda permanece como a de maior acervo no contexto estadual e é uma das maiores na conjuntura nacional. De grande interesse para a leitura, o ensino e a pesquisa, dentre os vários arquivos, fundos e coleções específicas que compõem a Biblioteca podem ser destacados:

- Sala Silva Paes - coleção de aproximadamente dez mil títulos sobre a formação do Estado do Rio Grande do Sul, constituindo uma das mais completas a respeito do tema;

- Sala Abeillard Barreto - que reúne aproximadamente seis mil títulos herdados do historiador que dá nome à Sala, contendo principalmente obras sobre História do Rio Grande do Sul e do Brasil;

- Sala de Obras Raras - coleção de aproximadamente três mil títulos reunindo obras editadas desde o século XIV, dentre elas, a mais antiga, *Diálogos*, de Luciano e a Coleção *Flora brasiliensis*, de Martius, cujos exemplares só se encontram em quatro outras instituições brasileiras;

- Sala Almirante Tamandaré - formada por aproximadamente quatro mil títulos, especializada em obras ligadas à História da Marinha e às Artes Náuticas;

- Arquivo Montenegro - coleção de aproximadamente dois mil títulos, uma das mais completas acerca da Guerra do Paraguai, a qual, além do acervo bibliográfico, reúne centenas de documentos, fotografias e gravuras colecionadas pelo

historiador José Arthur Montenegro; sua relevância é tão considerável que, em 1970, por ocasião das comemorações do centenário do encerramento da Guerra da Tríplice Aliança, a Marinha do Brasil pediu o empréstimo da mesma para organizar uma exposição no Rio de Janeiro;

- Coleção Agostinho José Lourenço que constitui um dos mais ricos acervos de jornais sul-rio-grandenses, com coleções completas de periódicos que circularam nos séculos XIX e XX no Rio Grande do Sul;

- Coleções de várias pastas ministeriais brasileiras, com destaque para a do Ministério das Relações Exteriores do século XIX;

- Coleção do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro – uma das mais completas do país, envolvendo o período dos anos 1840 até a década de 1970;

- Coleção de fotografias – reunindo mais de 3000 registros fotográficos com destaque para os que envolvem a paisagem urbana no contexto citadino e estadual;

- Coleção das Leis do Império e da República do Brasil;

- Mapoteca – com mais de dois mil mapas e plantas envolvendo contextos locais, regionais, nacionais e internacionais.

Mas as constantes fases de crise e estagnação que marcaram profundamente a formação histórica da metade sul do Rio Grande do Sul deixaram marcas profundas na cidade do Rio Grande, notadamente a partir da segunda metade do século XX. Ainda que

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

tenha havido uma ou outra etapa de certa recuperação, a tendência geral foi de dificuldades para a comunidade e, inevitavelmente, os reflexos se fizeram sentir junto à Biblioteca Rio-Grandense. O enorme acervo e o grande prédio, conquistas de décadas de trabalho, apesar de um incomensurável valor, passaram a também constituir um fardo pesado em termos de manutenção. Os apoios à casa cultural escasseavam crescentemente e o número de sócios passou a diminuir cada vez mais drasticamente.

A natureza de entidade privada e associativa permaneceu e a Biblioteca continuou não esperando favores de parte do poder público, mas os problemas iam mais além. Mesmo que constituísse uma instituição sem fins lucrativos e de amplo atendimento ao público, a Biblioteca Rio-Grandense sofreu pesados revezes tendo em vista a alta incidência de tributações. Assim, ao invés de promover investimentos na preservação do edifício e do acervo, sem poder contar com qualquer tipo de isenção, a Biblioteca teve de voltar seus escassos recursos ao pagamento de tais tributos. Nessa linha, além da falta de apoio, ela sofria na carne com a ausência de políticas culturais governamentais nas mais variadas esferas da organização nacional. De certo modo, permanecia recorrentemente a situação bem demarcada por uma caricatura publicada no jornal rio-grandino *Artista*, em 6 de janeiro de 1906, e isto ainda em uma época na qual a Biblioteca vivia uma fase de certa pujança. No desenho, a entidade cultural, representada por uma mulher empobrecida,

cheia de livros à sua volta, estendia a mão a uma bem vestida e aristocrática senhora que simbolizava a Intendência Municipal, em busca de apoio, lembrando que aquele que dava aos pobres emprestava a Deus.



A Biblioteca Rio-Grandense já desempenhou o papel de epicentro cultural no âmbito citadino e estadual, mas as dificuldades que lhe afetaram continuamente criaram certas peias a tal ação. Entretanto, mais recentemente, ela vem, ainda que de maneira modesta, buscando retomar sua função de promotora da cultura. Vários eventos acadêmico-científicos e culturais, de cunho local, regional, nacional e internacional, vêm sendo organizados por ela no último decênio. Além disso, a Biblioteca vem lançando uma série de livros, alguns avulsamente e

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

outros vinculados a duas Coleções que ela está organizando em parceria com instituições portuguesas:

- A Coleção Documentos é editada pela Biblioteca Rio-Grandense em parceria com o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL), e tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense uniram forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais. Entre 2016 e 2021, tal Coleção chegará a mais de sessenta volumes publicados.



- logomarca da Coleção Documentos -

- A Coleção Rio-Grandense, editada pela Biblioteca Rio-Grandense primeiramente em parceria com a Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização, e depois com a Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO, foi criada para tratar da mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, que tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. Desse modo a Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária. No período entre 2017 e 2021, tal Coleção atingirá a marca de mais de cinquenta títulos publicados, em apenas quatro anos de existência, constituindo uma das mais profícuas em se tratando da formação gaúcha.



- logomarca da Coleção Rio-Grandense -

Assim, apesar de todos os obstáculos, a Biblioteca Rio-Grandense permaneceu em atividade, constituindo a mais antiga instituição de seu gênero no contexto sul-rio-grandense. O exemplo do Gabinete de Leitura viria a ser seguido em outras localidades gaúchas, como na própria capital e na vizinha cidade de Pelotas, entre outras, constituindo-se tais casas de leitura, ao lado das livrarias, em lugares de encontro e de ebulição ativista de tantas gerações da intelectualidade sul-rio-grandense. A Biblioteca, por mais que permaneça como entidade privada, continua a ser conhecida pelo epíteto de “pública”, tamanha foi a tradição que construiu como estabelecimento cultural do mais amplo e constante atendimento público. Seus livros e coleções documentais representam um manancial inesgotável de estudo e suas ações e seu acervo encerram em si aquilo que Abeillard Barreto muito bem denominou de patrimônio cultural do Brasil e, porque não ampliar, do mundo.

Referências bibliográficas consultadas

ALVES, Francisco das Neves. *Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura*. Rio Grande: FURG, 2005.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE
DO RIO GRANDE

BARRETO, Abeillard. Uma instituição centenária. In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Uma iniciativa benemerita. In: *Correio do Povo*, 17 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Patrimônio cultural do Brasil. In: *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 abr. 1946.

BARRETO, Abeillard. Vigilância permanente e esforço continuado. In: *Correio do Povo*, 27 abr. 1946.

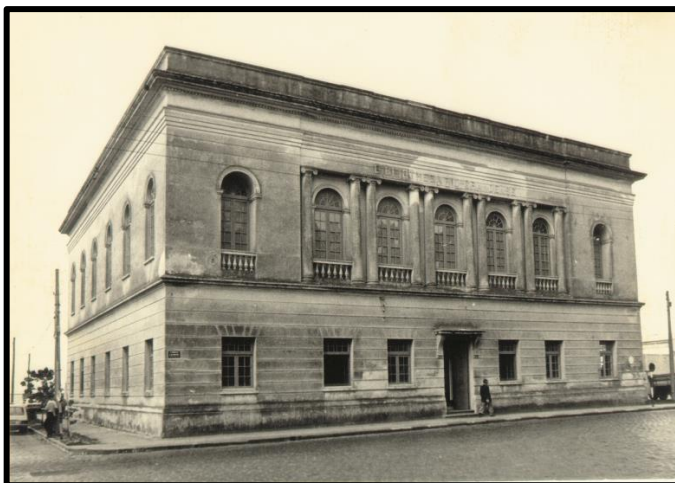
FERREIRA, Athos Damasceno. *Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1973.

FONTOURA, Edgar. *A Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande: Oficinas do Rio Grande, 1933.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Um centenário. In: Rio Grande, 18 maio 1946.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. 15 de agosto de 1846. In: 15 D'Agosto - número único comemorativo do 40º aniversário da Biblioteca Rio-Grandense. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1886. p. 2.

SCHULTZ FILHO, Guilherme. Uma instituição do Rio Grande para o Rio Grande do Sul. In: RIO GRANDE. Rio Grande, 15 ago. 1946, p. 1.



Feira do Livro da FURG: três apontamentos históricos

Como mais antiga localidade do Rio Grande do Sul, ao longo de sua existência, a cidade do Rio Grande adquiriu um relevante papel cultural no quadro provincial/estadual. A condição de único porto marítimo sulino transformou a comunidade litorânea no principal entreposto comercial rio-grandense-do-sul, havendo também várias etapas de industrialização pelas quais passou. Os avanços econômicos, apesar de intercalados por diversas fases

de estagnação, dificuldades e mesmo profundas crises, propiciaram também espaço para a evolução de múltiplas atividades culturais. Em meio a esses progressos e recuos socioeconômicos, já ao final dos anos 1970, viria a surgir uma das mais perenes ações culturais rio-grandinas, a Feira do Livro da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Em 2003, por ocasião de sua trigésima edição, foi organizado um livro a respeito do evento, contendo vários ensaios, dentre eles, quatro apontamentos de natureza histórica que abordam diferentes momentos da realização da Feira, os quais são a seguir apresentados⁹.

O primeiro patrono da Feira do Livro da FURG

A primeira Feira do Livro organizada pela FURG se daria em 1979, por ocasião do décimo aniversário de fundação da mais meridional das instituições de ensino superior brasileiras. Inaugurava-se naquele momento, entre 17 e 26 de agosto, um evento que, se repetindo, primeiramente duas vezes ao ano e, posteriormente, anualmente, ao longo de vários lustros, passaria a marcar a vida

⁹ ALVES, Francisco das Neves (org.). *Feira do Livro da FURG: 30 edições a serviço da cultura*. Rio Grande: Editora da FURG, 2003. p. 23-57; 91-88; 97-122; e 139-149.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

cultural rio-grandina. Tendo como alvo primordial a difusão da leitura, a Feira ultrapassou tal intento, levando ao público da cidade do Rio Grande e a seus visitantes (notadamente nas edições organizadas no Balneário Cassino) uma série de atividades lúdicas e artístico-culturais as quais conquistaram um espaço irretorquível junto à comuna portuária, vindo a Feira do Livro a constituir um acontecimento vivamente presente no cotidiano e no calendário de eventos de cunho cultural rio-grandino e rio-grandense-do-sul.

Nessa edição inaugural da Feira, o nome sobre o qual recaiu a principal homenagem foi o do historiador rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues, escritor emblemático da produção cultural gaúcha, guindado ao posto de primeiro patrono da Feira do Livro da FURG. Ferreira Rodrigues, nascido no Rio Grande, mais especificamente no distrito do Povo Novo, em 1865, foi comerciante, industrialista e viajante comercial, no entanto, dedicou boa parte de sua vida à coleta de dados e documentos sobre a formação histórica rio-grandina e sul-rio-grandense, atuando como professor, jornalista e pesquisador, bem como na condição de produtor textual nos mais variados gêneros literários. Trabalhou o escritor rio-grandino em uma das mais importantes instituições culturais de então, mormente na zona sul, tendo sido revisor da Livraria Americana em Pelotas e, posteriormente, gerente da mesma, na sua cidade natal. Pertencendo a uma série de instituições histórico-culturais à sua época, Alfredo Ferreira Rodrigues foi o responsável pela edição do *Almanaque*

Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, publicação marcante da vida cultural gaúcha de então, além do que publicou enorme quantidade de ensaios, artigos e livros, entre outros, passando a constituir exemplarmente um representante da intelectualidade de seu tempo, motivo pelo qual seria escolhido como o patrono da primeira Feira do Livro da FURG.

A inicial Feira do Livro da FURG

A edição original da Feira do Livro da FURG, montada em um estratégico ponto da cidade, na Praça Dr. Pio, localidade central na comunidade, a meio caminho das principais ruas citadinas, teve amplo prestígio de parte da população, segundo informou a imprensa da época. Com a participação de diversas autoridades, a abertura da Feira contou com atuações musicais e discursos. O reitor da Universidade salientou a importância da iniciativa para a vida cultural rio-grandina e manifestou o desejo de que a instituição pudesse cada vez mais trazer eventos daquele nível para a cidade. Já o secretário municipal da área do turismo lembrou que há muito não se realizava uma promoção daquela magnitude, destacando que aquela era uma excelente oportunidade para o incentivo à leitura entre a população. Durando boa parte da segunda quinzena daquele agosto de 1979, a Feira colocou à disposição

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

do público oito barracas de exposição, representando um total de vinte e seis editoras¹⁰.

A proposta dos livreiros era ade trazer à população rio-grandina leitura variada, mormente literatura, publicações técnicas e livros didáticos. Quanto aos autógrafos, dois autores mereceram destaque nessa primeira edição. O primeiro deles foi o Capitão Athaydes Rodrigues, histórico político rio-grandino, na presidência da Câmara Municipal na época, o qual lançava o livro “Como calcular com rapidez”, contendo métodos matemáticos que facilitassem a realização de cálculos, dispensando a maneira tradicional. Outra presença foi a da escritora de livros infantis Maria Dinorah que, além de autografar na Feira, proferiu palestra no auditório da FURG sobre a literatura para crianças diante dos novos meios de comunicação de massa¹¹, revelando um dos intentos que se tornaria comum na visão dos organizadores da Feira de estendê-la além de suas próprias fronteiras físicas, objetivando atingir o maior número possível de pessoas.

Já nos últimos dias da Feira, a imprensa divulgava que a mesma estava obtendo sucesso, justificando a asserção através dos depoimentos dos próprios livreiros. O responsável pela Livraria Prodil, de Porto Alegre, destacava que os resultados até então eram surpreendentes, ainda mais por ser aquela a

¹⁰ Jornal *Rio Grande*. Rio Grande. Ano 66, nº 209, 18 de agosto de 1979. p. 8.

¹¹ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 4, nº 1178, 16 de agosto de 1979. p. 8.

primeira iniciativa da FURG naquele sentido, acrescentando ainda elogios quanto à organização do evento. Revelando a expansão que se anunciava para o mercado livreiro, o representante da Livraria Palmarinca, uma das mais tradicionais no contexto gaúcho, explicava que o objetivo da empresa era mais promocional, tendo em vista que, há pouco tempo, a mesma instalara-se na vizinha cidade de Pelotas, pretendendo-se fazer o mesmo no Rio Grande e, mesmo assim, destacava o nível de vendas na Feira¹².

Ainda segundo a imprensa, os livreiros rio-grandinos também manifestaram otimismo quanto aos resultados das atividades, como o da Livraria São Pedro que acreditava que a Feira estava alcançando seu objetivo ligado à difusão do livro. Outro a apontar para o sucesso do acontecimento cultural foi o representante da Livraria do Globo para quem os resultados até então estavam acima das expectativas. Também o responsável pela Livraria Mundial apontava para a qualidade da organização da Feira, e para o bom nível das vendas, com destaque para os livros técnicos. A representante da Fundação Educacional Padre Landel de Moura apontou igualmente para os bons resultados do evento, aguardando pelo possível retorno em outras edições, tendo em vista que o sucesso seria garantido¹³.

¹² *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 4, n° 1183, 22 de agosto de 1979. p. 8.

¹³ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 4, n° 1183, 22 de agosto de 1979. p. 8.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Assim, o primeiro empreendimento da FURG no que tange à propagação da leitura atingia, ao menos em significativa parte, seus objetivos. De acordo com tal perspectiva seria feito jus ao escritor, bibliófilo e também livreiro, Alfredo Ferreira Rodrigues que, décadas antes, fora um dos principais promotores da expansão das atividades culturais na comunidade portuária. Destacado já na abertura do evento, no discurso do reitor da Universidade, lembrar o nome de Ferreira Rodrigues constituiu uma bem justificada homenagem ao homem das letras do cenário histórico rio-grandino da virada do século XIX à centúria seguinte, alçando-o à honorífica posição de primeiro patrono da inaugural Feira do Livro da FURG.

Alfredo Ferreira Rodrigues: o primeiro patrono da Feira do Livro da FURG

Na virada do século XIX para o XX, a figura do historiador era ainda muito pouco definida no contexto gaúcho, havia, isto sim, a figura de alguns intelectuais que, ligados à cultura como um todo, em uma visão bastante generalista, se dedicavam a resgatar alguns episódios do passado nacional, regional e local. Tal intelectualidade estava fortemente atrelada a uma história vinculada, primordialmente, ao levantamento dos fatos, reproduzindo um modelo pelo qual a história é movida pelas individualidades, ou seja, os líderes, os heróis, os mitos que, através de

suas ações, moldavam os destinos das comunidades humanas.

Nessa época, os acontecimentos eram os elementos marcantes da construção historiográfica, demarcando-se de forma estritamente cronológica a evolução das sociedades, sem qualquer preocupação com a história-processo. Os trabalhos eram demarcados pela narração descritiva, sem maior espaço, às vezes nenhum, para uma interpretação analítica dos fundamentos históricos das questões abordadas, além do que, as opiniões e posições do autor diante do fato abordado eram praticamente vetadas. Fazer história nesse momento significava, acima de tudo, apontar para os episódios do passado, fazendo com que os mesmos servissem como lições para o presente, devendo-se, portanto, seguir os exemplos dados pelos antepassados, mormente no que tange às demonstrações patrióticas e de abnegação diante do valor maior que era a nação.

Esse estilo de fazer história é característico dessa fase dos primórdios da estruturação da figura do historiador, mas iriam demarcar profundamente e por longo tempo as formas de pesquisar e escrever a história no Rio Grande do Sul. Apesar de seus limites, condicionados pelo contexto histórico e historiográfico de então, a história elaborada em princípios do século XX, na conjuntura rio-grandense, teve um papel significativo para a reconstrução histórica acerca da formação gaúcha, especialmente no que tange ao arrolamento de dados e ao levantamento de fontes,

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

fundamentais para as futuras gerações de historiadores.

Nesse quadro, esteve inserida a figura do escritor rio-grandino Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942). Pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, Ferreira Rodrigues representou a contento o homem de cultura de seu tempo. Atuando vários anos junto à Livraria Americana, o historiador rio-grandino foi o fundador do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, publicação que se destinava à divulgação cultural, literária e ao entretenimento do público leitor, servindo à difusão da leitura junto à população, bem como foi membro de algumas das mais importantes instituições culturais da época, como a Academia Rio-Grandense de Letras, o Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

O reconhecimento de Alfredo Ferreira Rodrigues como um homem de letras não se limitaria ao Rio Grande do Sul, tendo pertencido também a instituições históricas e geográficas brasileiras, em São Paulo, em Pernambuco, na Bahia, no Ceará e estrangeiras, como na cidade de Lisboa. A produção histórica de Ferreira Rodrigues foi direcionada mais diretamente ao estudo da história regional, elaborando um grande número de ensaios, artigos e livros versando sobre a formação histórica gaúcha. O norte da carreira do historiador foi a Revolução Farroupilha, verdadeira paixão que despertava a

admiração e quase a idolatria de Rodrigues para com os homens e os feitos de 1835-1845. Na faina de reconstruir a história rio-grandense, a maior das preocupações de Ferreira Rodrigues esteve ligada à coleta de documentos, os quais procurou, investigou, copiou e colecionou à exaustão, reunindo um acervo significativo para uma melhor compreensão da história gaúcha¹⁴.

A valorização da figura de Alfredo Ferreira Rodrigues junto à comunidade rio-grandina se eternizaria em setembro de 1965, quando da passagem do seu centenário de nascimento, houve a edificação de um busto em homenagem ao “insigne historiador” e “ilustre filho” da cidade portuária, na Praça Xavier

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. Documentos de um historiador rio-grandino: a Coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes). In: ALVES, F.N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 11-14. Também sobre Ferreira Rodrigues, observar: MARIANTE, Hélio Moro. Perfil de Alfredo Ferreira Rodrigues. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Vultos e fatos da Revolução Farroupilha*. Brasília: Imprensa Nacional, 1990. p. 14.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 495-497.; VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: “A Nação”/Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 432-436.; e ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Inventário da Coleção Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Ferreira, diante da Biblioteca Rio-Grandense¹⁵. De acordo com a imprensa da época, aquele ato era de reverência e admiração ao estudioso que no século anterior desbravava os caminhos que levavam à cultura, devendo, segundo a perspectiva de então, a obra do historiador rio-grandino servir como motivo de orgulho à população e como um exemplo à posteridade¹⁶.

O grande mote da pesquisa histórica de Alfredo Ferreira Rodrigues foi a Revolução Farroupilha, contribuindo decisivamente para a construção de um verdadeiro mito em torno da guerra civil sul-rio-grandense e estabelecendo asserções que viriam a ser reproduzidas por vários outros autores, incorporando-se, muitas delas como “verdades históricas”, na edificação historiográfica acerca da rebelião gaúcha. Além disso, Rodrigues tratou de vários assuntos ligados à história de sua cidade natal. Nesse sentido, este trabalho destaca três dos temas abordados pelo historiador rio-grandino, ou seja, as interpretações sobre sua paixão maior, a Revolução Rio-Grandense de 1835-1845, a análise da pacificação do mesmo conflito e o estudo empreendido sobre a imprensa rio-grandense.

¹⁵ *Jornal Rio Grande*. Rio Grande. Ano 52, nº 222, 10 de setembro de 1965. p. 2.

¹⁶ *Jornal Rio Grande*. Rio Grande. Ano 52, nº 229, 18 de setembro de 1965. p. 4.

Alfredo Ferreira Rodrigues e a construção do mito da Revolução Farroupilha¹⁷

Eleita como o diferencial máximo da “civilização” gaúcha, a Revolução Farroupilha viria a ser guindada ao mais alto patamar dentre os fatos que constituem o panteão das denominadas datas cívicas sul-rio-grandenses. A historiografia exerceria um papel crucial nessa elevação do *status* histórico da guerra civil, elegendo heróis, romantizando acontecimentos e enaltecendo feitos, os quais deveriam ser utilizados como exemplos para as gerações vindouras. Em um processo de constantes recorrências, muitos dos elementos constitutivos desse arcabouço historiográfico viriam a ser encarados como absolutas verdades históricas, contribuindo decisivamente para a criação mítica da Revolução Farroupilha. Um dos precursores dessa edificação historiográfica foi Alfredo Ferreira Rodrigues, representante da intelectualidade de então, que dedicou grande parte de sua pesquisa a levantar dados e documentos sobre os acontecimentos de 1835-1845, elaborando, nos primórdios do século XX, vários trabalhos que, através da reprodução no discurso historiográfico, seriam marcantes na construção de mitos acerca do “decênio heróico” rio-grandense-do-sul.

¹⁷ Adaptação do trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Ao pesquisar a revolução, por diversas vezes, o historiador gaúcho expressou algumas de suas convicções quanto aos modos de fazer história. Em uma dessas asserções, ele explicava que haveria uma certa necessidade de uma pausa entre o desenrolar dos acontecimentos e a execução da análise histórica, para se tratar certos detalhes da guerra civil, daí ser preciso evidenciar apenas alguns dos elementos que a compunham, de preferência, os mais “nobres”, em detrimento daqueles diretamente ligados ao conteúdo de violência. Segundo Rodrigues, ainda não era chegada a época em que esses acontecimentos deveriam ser escritos; uma vez que seria impolítico, senão imprudente, pôr no domínio do público os atos que ali foram praticados no correr da revolução e debaixo da efervescência dos partidos, muitos dos quais se achavam ainda ignorados e outros estavam como encobertos, de modo que tal drama sanguinolento só deveria ser revelado ao público, quando seus autores deixassem de pertencer ao teatro em que foram representantes; porque só então, calmos os ânimos e mortas as paixões, poderiam ser seus atos encarados e vistos pelo prisma da imparcialidade¹⁸.

Um dos fundamentos básicos que Ferreira Rodrigues buscou utilizar nas suas construções históricas esteve ligado à verdade, objetivando assim, legitimar seus escritos a partir do pressuposto da “verdade histórica” que seria expressa através do

¹⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Breves considerações sobre a Revolução de 20 de Setembro de 1835*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1905. p. 219.

exame metuculoso e honesto dos documentos. Nesse sentido, afirmou que o único fim de suas pesquisas era restabelecer a verdade de alguns fatos¹⁹. Referindo-se à rede de informações que estabeleceu através de um sem número de correspondências emitidas às mais diversas pessoas em busca de dados sobre o processo revolucionário, o escritor rio-grandense destacou que toda sua correspondência relativa à revolução estava cuidadosamente arquivada em copiadotes, sendo, a partir deles, possível reconstituir toda a marcha de seu pensamento, explicando que essa marcha fora sempre voltada para a verdade, já que considerava a verdade como o único fim digno a que pudesse aspirar um historiador²⁰.

Nesse sentido, outro dos elementos apontado como fundamental para os trabalhos de edificação histórica, na perspectiva de Alfredo Rodrigues, era a necessidade de amearhar documentos para, a partir de sua descrição, entabular suas pesquisas. De acordo com ele, a história sem documentos de nada valia, de modo que pretendia apresentar um trabalho consciencioso, em que não houvesse afirmativa que não se pudesse comprovar²¹. Nesse afã de buscar os “papéis” sobre a revolução, Rodrigues chegou a apresentar um “a pedido” para publicar em jornais

¹⁹ RODRIGUES. 1905. p. 219.

²⁰ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Bento Gonçalves da Silva – suas convicções monarquistas – o que sempre pensei a respeito*. Rio Grande: Livraria Americana, 1906a. p. 6.

²¹ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 31 de outubro de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

gaúchos, expressando seus intentos no sentido da coleta das fontes. Nesse aviso, destacava que há muitos anos reunia documentos para reconstituir a história dessa época memorável, tendo já um arquivo bastante valioso, porém com grandes lacunas, rico de informações sobre um período e completamente vazio no referente aos anos seguintes. Na sua perspectiva, deveria haver no estado grande soma de documentos, parte de arquivos de chefes militares de então, e seu temor era que eles viessem a desaparecer aos poucos, pois nem todos os seus possuidores calculariam o valor histórico que eles tinham. Assim, fazia um apelo aos rio-grandenses, pedindo a remessa dos papéis relativos à revolução, comprometendo-se a devolvê-los, sem a menor falta, depois de copiar deles as informações que parecessem aproveitáveis. Ou seja, cartas, proclamações, ordens do dia, jornais, apontamentos, tudo servia, já que, às vezes uma carta, uma notícia a primeira vista insignificante tinha grande importância, pois poderia fixar uma data, assinalar um nome, descobrir a pista de um fato desconhecido. De acordo com essa ideia, concluía o historiador destacando que tais documentos, uma vez espalhados, de pouco serviriam, porém, reunidos, aumentariam de valor, tornando-se um guia seguro para quem tentasse fazer reviver o passado rio-grandense²².

²² RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Revolução de 1835. In: MARIANTE, Hélio Moro. *Alfredo Ferreira Rodrigues*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982. p. 63-64.

Ao abordar a história da “grande revolução”, Ferreira Rodrigues defendeu ardorosamente a necessidade de algumas mudanças na mentalidade coletiva a respeito da revolução, notadamente no que tange ao seu caráter republicano e separatista, buscando resgatar a memória de certos personagens, intentado absolver a alguns e imputar culpas a outro. Nesse sentido, argumentava que o historiador deveria sempre estar pronto para mudar algumas perspectivas e visões históricas, ainda que arraigadas pelo tempo, desde que isso fosse sustentado pelas fontes e embasado no respeito à verdade histórica. Para Rodrigues, o historiador, menos do que ninguém, tinha o direito de formular uma opinião imutável, pois, se algumas asserções viessem a ser modificadas, fundadas na descoberta de novos documentos, um historiador não caía em contradição, pois, se falava com sinceridade, dava apenas mais um passo em direção à verdade. Na mesma linha, considerava que o estudioso da história que desse modo se comportava não se rebaixava, porém, se elevava, porque estaria prezando mais a verdade do que a sua própria opinião. De acordo com a perspectiva do autor, o historiador deveria formular suas asseverações, mas quando o estudo dos fatos e dos documentos, não o estudo superficial dos fazedores de frases, mas o estudo meditado à luz da crítica histórica, viesse a conduzi-lo a conclusões diametralmente opostas, ele

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

tinha o direito, e mesmo o dever, de declarar que errou e que a verdade seria outra²³.

Outra das características de Alfredo Ferreira Rodrigues no seu *modus operandi* estava na visão de uma história centrada nos “grandes homens”, ou seja, as individualidades, os líderes normalmente, como elementos motores da evolução histórica. Essa perspectiva ficava evidente a partir das principais interrogações emitidas a seus interlocutores ao longo de inúmeras das correspondências que emitiu buscando captar informações e documentos acerca da revolução. Nesse sentido, muitas vezes o escritor solicitou a resposta a um “questionário”, com as seguintes indagações: Data e lugar de nascimento; Nome dos pais e avós e se algum deles ou outro ascendente foi militar; Onde se educou e que instrução recebeu; Quando abraçou a carreira das armas, se por vocação, se forçado pela vontade paterna ou outras circunstâncias; Que irmãos teve e quais destes foram militares; Em que época abraçou a causa da revolução e que motivos o levaram a isso; Em que posto começou servindo e que ascensão teve no exército republicano; Que influência teve na revolução, em que combates entrou e como aceitou a conclusão da paz; Que fez depois da pacificação da província, quando voltou ao serviço militar e por que motivo; A que partido político se filiou, que serviços lhe prestou e que cargos públicos exerceu; Que recompensa lhe ofereceu o império e como a aceitou;

²³ RODRIGUES. 1906a. p. 11.

Quando, com quem casou e que filhos deixou; Em que data morreu, onde e de que; Particularidades pessoais, tais como estatura; expressão da fisionomia, traços característicos do militar e do cidadão, etc, etc²⁴.

Esse conjunto de perguntas, que prestigiava acima de tudo a biografia dos líderes revolucionários, revelava o enfoque primordial da abordagem do autor na escolha do objeto central de sua pesquisa. Nessa conjuntura, o tema central a que Alfredo Rodrigues dedicou grande parte de seus esforços como historiador foi a Revolução Farroupilha, considerada como um dos momentos máximos da história gaúcha. Ainda que em suas primeiras impressões a respeito do movimento, Rodrigues não discordasse abertamente do senso comum que norteava as pesquisas, interpretações e versões sobre a guerra civil, progressivamente ele foi modificando algumas dessas perspectivas, notadamente no que tange ao republicanismo e ao separatismo como intrínsecos ao conjunto da rebelião. À medida que trouxe a público a maior parte de seus trabalhos, o autor já professava ideias que negavam a ruptura institucional como um dos baluartes de todas as lideranças revolucionárias, isentando muitas delas, com destaque para seu ídolo maior, Bento Gonçalves.

O historiador rio-grandense sustentou largamente o argumento de que a ruptura institucional de parte dos revoltosos farroupilhas só ocorrera como o “último recurso”, ou seja, a única

²⁴ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 6 de fevereiro de 1897 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

alternativa viável diante das circunstâncias de então, na correlação de forças entre os grupos em conflito. Rodrigues apontava para as possíveis dúvidas a respeito da controvérsia se a revolução irrompeu com ideias de separação e de república ou se estas, com o decorrer dos acontecimentos, se impuseram como a única solução possível, defendendo que a opinião do maior número de estudos considerava como mais correta a hipótese de que a república nasceu de uma necessidade de ocasião²⁵. À medida que aprofundava o estudo dos “papéis” obtidos, as convicções de Ferreira Rodrigues negando o caráter republicano e separatista do conjunto do movimento farroupilha se consolidavam. Para ele, os rio-grandenses foram forçados e compelidos pelas continuadas opressões, a recorrer à decisão das armas, para reivindicarem as suas liberdades perdidas e evitarem a continuação do despotismo que na província era exercido pelos diversos presidentes mandados pelo supremo governo para dirigi-la, e só a partir da continuação dessa constante pressão que o ideário republicano ganhara espaço²⁶.

Nesse sentido, Alfredo Ferreira passou a buscar identificar os “verdadeiros” responsáveis pela ruptura política com o império, uma vez que, na sua concepção, a maioria das lideranças gaúchas não era

²⁵ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Bento Gonçalves da Silva: seu ideal político – a revolução e a república. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1906*. Rio Grande: Livraria Americana, 1906b. p. 6.

²⁶ RODRIGUES. 1905. p. 220.

partidária do ideal republicano. Segundo o autor a “culpa” pela ruptura estava localizada na participação e/ou influência de “estrangeiros” no processo revolucionário, como destacou ao afirmar que os primeiros projetos da premeditada revolução e separação da província do restante do Brasil, tiveram começo a partir da ação de estrangeiros, como no caso dos seguidores do uruguaio Lavalleja. Além disso, Rodrigues imputava a “culpa” pela república também à “inexperiência” de alguns líderes, os quais teriam sido ludibriados pela ação de “aventureiros”. De acordo com essa perspectiva, o espírito de novidade, que tem sempre admiradores e prosélitos, achou eco em alguns aventureiros e mesmo em alguns cidadãos inexperientes, que sem exame algum esposaram essas novas ideias, tendo sido de tal arte fanatizados esses mesmos inexperientes rio-grandenses²⁷.

A respeito do mesmo tema, Alfredo Ferreira Rodrigues explicava que os republicanos, com mais largas aspirações, aproveitaram o momento de subversão para incutirem no ânimo do povo a necessidade de uma mudança radical de governo²⁸. Para o historiador, havia muitos chefes militares cujo concurso era indispensável para a realização do plano republicano, mas que se negariam a ele, se suspeitassem de um ataque à monarquia e à integridade do império, porém, iniciado o movimento, empunharam armas, na persuasão de que apenas iam combater os desmandos do governo central e de seus

²⁷ RODRIGUES. 1905. p. 220-222.

²⁸ RODRIGUES. 1906b. p. 9.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

delegados, mas, arrastados na onda revolucionária, acoçados pelo governo, que não deu quartel aos que chamava de rebeldes, aceitaram os fatos como a contingência de momento os apresentava, ou ainda, como habilmente os havia predisposto a conjuração republicana²⁹. Além disso, ele apontava para o fato de que aqueles “aproveitadores” das circunstâncias teriam buscado cooptar os militares no apoio às ideias republicanas, destacando que a classe militar da província se considerava aviltada e decaída de seus direitos desde a revolução de 7 de Abril de 1831, e por isso foi mais fácil aos agitadores fazer acreditar aos incautos nas vantagens que deviam resultar à província do novo sistema que fantasiavam³⁰.

Segundo a interpretação do organizador do *Almanaque do Rio Grande do Sul*, ainda que aqueles elementos “agitadores” e “aproveitadores” tenham levado a província à guerra, e às destruições dela advindas, nesse contexto bélico prevaleceu o caráter “cavalheiroso” dos gaúchos. Nesse sentido, afirmava que a mágica invenção do espírito humano foi desvirtuada até o último ponto de abjeção e deu em resultado a revolução de 20 de Setembro de 1835, a qual reduziu a província do Rio Grande do Sul a um teatro de dilacerações e morticínios; mas, ainda assim, o gênio cavalheiroso dos rio-grandenses se conservou intato no meio desse quadro de destruição³¹. Nessa linha, Rodrigues também defendeu ardorosamente

²⁹ RODRIGUES. 1906a. p. 5.

³⁰ RODRIGUES. 1905. p. 221.

³¹ RODRIGUES. 1905. p. 223.

que, apesar da revolução, permaneceu a província vinculada à identidade nacional, ou seja, apesar da ruptura, o Rio Grande do Sul não deixara de ser brasileiro, explicando que a revolução, a par das ideias liberais que incontestavelmente a impulsionaram, foi em sua essência um movimento de nativismo³².

Nesse contexto, o escritor rio-grandense-do-sul defendia que a maioria das lideranças do movimento de 1835 não foram adeptas do republicanismo separatista, aceitando-o pela força das contingências, destacando que, no caso da Farroupilha, como quase todos os chefes de comoções populares, dado o primeiro passo, sentiram-se os líderes farrapos arrastados pelo movimento a que haviam dado impulso. Nesse intento de isentar boa parte dos chefes rebeldes pela ruptura institucional, Rodrigues deu amplo destaque à figura de Bento Gonçalves da Silva, defendendo com veemência o espírito monárquico deste. De acordo com o autor, Bento buscara refrear ao máximo os “excessos” na execução da rebelião, colocando-o, inclusive, como um anteparo inicial ao avanço do republicanismo, e explicando que a propaganda republicana se agitava já abertamente para levar a efeito o plano de separar o Rio Grande do resto do império, porém, se as primeiras tentativas nesse sentido não tiveram êxito, foi preciso para frustá-las a grande força moral e a enorme popularidade de Bento Gonçalves, o qual mais de

³² RODRIGUES. 1906b. p. 7.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

uma vez conseguiu refrear os excessos da população açulada pelos demagogos, destacando ainda em relação a este líder o seu caráter, o seu cavalheirismo e a sua magnanimidade, tantas vezes postos à prova durante a revolução³³.

Para Alfredo Rodrigues, o avanço do republicanismo dera-se a partir da perda do controle da situação pelo próprio Bento Gonçalves, uma vez que, durante sua ausência, graves sucessos se haviam passado e os exaltados dominavam a população, de modo que as ideias de separação e república fizeram numerosos prosélitos, e ele já não tinha mais força para contê-los em seus desvarios. Ainda de acordo com o autor gaúcho, Bento não entrara na revolução com ideal separatista e republicano, porque as suas convicções políticas eram e continuaram a ser fundamentalmente monárquicas, o que não o teria impedido, como a tantos outros vultos da história, de servir lealmente à república e sacrificar-se por ela. Também sobre o líder farrapo, o historiador intentava esclarecer que se o mesmo tivesse o ideal republicano, isso não lhe aumentaria as glórias de que se cobria, já que republicano, qualquer demagogo o podia ser ou dizer-se, sem que disso lhe adviesse merecimento, mas que Gonçalves não o teve, e nem por isso a sua ação social foi menos brilhante e menos fecunda³⁴.

Eleito como personagem principal das narrações históricas de Ferreira Rodrigues sobre a Farroupilha, Bento Gonçalves da Silva aparecia como

³³ RODRIGUES. 1906b. p. 8-13.

³⁴ RODRIGUES. 1906b. p. 13, 19 e 22.

elemento exponencial no desenrolar dos acontecimentos, de modo que o autor personificava nesse protagonista o caráter geral não-separatista da revolução, defendendo ardorosamente o monarquismo do líder farrapo, que só teria aceito a república a partir das “forças do destino”. Ao referir-se aquele chefe, o historiador determinava que, quando o rompimento pelas armas parecia inevitável, Bento, que se achava em uma situação extremamente delicada, colocado entre o governo imperial, a quem devia submissão e fidelidade, e os seus aliados, que por ele se haviam comprometido, acompanhando-o na revolução, não hesitou um só momento pelos últimos. Nesse sentido, prosseguia explicando que aquela liderança fizera tudo para evitar a luta, porém, não podia fugir dela sem felonias, prevalecendo nele mais os sentimentos de lealdade que as suas convicções políticas, permanecendo ao lado de seus amigos. De acordo com Rodrigues, aquele tipo de procedimento foi muito mais humano e mais digno que o do chefe de facção que, faltando à lealdade, esconde o seu modo de pensar, para obrigar os outros a servi-lo em seus planos; arrematando o autor que esse sacrifício e desprendimento, essa abnegação de si mesmo, da parte de Gonçalves, foi o traço característico de seu magnânimo coração, de que ficaram rasgos nobilíssimos a sublimar-lhe o nome em toda a história da república³⁵.

³⁵ RODRIGUES. 1906b. p. 22-23. No mesmo texto, o autor emitiria um amplo elogio à atitude de Bento Gonçalves, afirmando: Nobre e magnânimo coração, que foste a

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Para o escritor gaúcho, o monarquismo não diminuía o “valor” heroico e histórico de Bento Gonçalves, destacando que sempre procurara exaltar os méritos pessoais e os extraordinários feitos do famoso guerreiro rio-grandense, cuja vida, cortada de épicas façanhas e de trágicas aventuras, encheu muitas das mais belas páginas da história sul-rio-grandense, explicando que ele representara saliente papel no grande movimento de 1835 e que a tradição popular lhe emprestou a preeminência na convulsão revolucionária – predomínio que não lhe era possível reconhecer, nem como promotor dela, nem como seu mais forte sustentáculo. Esse fato, na concepção do autor, não amesquinhou a sua figura histórica, que era grande o bastante para viver eternamente no coração rio-grandense, sem necessidade, para soerguer-lhe o pedestal, de sobrepô-la a outras, que lhe foram pelo menos iguais. Quanto a isso, Ferreira Rodrigues buscava esclarecer que sempre reconhecera, e que nunca cogitara em cingir a frente de Bento com a auréola de republicanismo, o que seria, para um herói de sua estatura, uma triste gloriola, se outros predicados pessoais, se outros feitos, não bastassem para lhe ilustrar o nome³⁶.

Ainda a respeito do mesmo tema, Alfredo Ferreira Rodrigues explanava que, desde o momento

personificação das excelsas virtudes do Rio Grande de outrora, como eu te admiro mais, monarquista e sacrificando-te pelos teus companheiros de armas, do que republicano e pérfido (p. 25).

³⁶ RODRIGUES. 1906a. p. 3-4.

em que começara seriamente a estudar a revolução de 1835, firmara a opinião de que Bento Gonçalves fora sempre monarquista e até certo ponto se opusera à proclamação da república, – opinião, segundo ele, cada vez mais robustecida pela descoberta de novos documentos. E prosseguia explicitando que desde aquela época, havia afirmado essa verdade, para ele indiscutível, de que Bento, embora servindo lealmente à República Rio-Grandense, nunca abjurou de seus íntimos sentimentos de monarquista, nem esqueceu a gratidão que devia ou que julgava dever ao monarca, de modo que o seu papel não fora o que a tradição perpetuara. Incluindo o líder farrapo em um conjunto mais amplo, Rodrigues afirmava que muitos chefes militares não queriam a república, e Bento Gonçalves era um deles, de modo que o coronel não entrara na revolução com ideal republicano e, sendo um dos militares de maior influência na província, por isso foi aproveitado pelos republicanos para servir a seus desígnios³⁷.

Na perspectiva do escritor rio-grandense, alguns acontecimentos circunstanciais e pontuais haviam sido fundamentais para que se desencadeasse a República Rio-Grandense e para a participação de Bento Gonçalves da Silva na mesma. Ferreira Rodrigues destacava que, no seu entender, concorrera para salvar a república, dando-lhe vida por alguns anos, a derrota e o aprisionamento de Bento Gonçalves na ilha do Fanfa, uma vez que tal fato

³⁷ RODRIGUES. 1906a. p. 4-5 e 7.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

afastara o chefe farrapo, removendo assim a causa de divergências entre os que eram simplesmente infensos ao governo opressor e os radicais, que trabalhavam pela república. O autor corroborava sua tese, explicando que, aprisionado um chefe e acossados os outros, congregaram-se todos em uma vontade só, que era a independência do Rio Grande, além do que, Bento preso, encarcerado, perseguido, assumiu no espírito do povo as proporções de um mártir da liberdade, proporções ainda aumentadas pelas aventurosas circunstâncias de suas evasões, de modo que a sua popularidade cresceu extraordinariamente com isso, com o que também lucrou a causa da república, que, desde então – e somente a partir daí, destacava o autor –, contou nele com um dedicado e fervoroso defensor. E, ainda sobre esse episódio, concluía o historiador, afirmando que aquele desastre cortara as hesitações de Bento Gonçalves, lançando-o em definitivo na revolução republicana e separatista, de que ele antes não cogitara³⁸.

De acordo com a concepção de Rodrigues, não eram as ideias políticas que elevavam os homens, porém as suas virtudes e os seus grandes feitos, pois os juízos da multidão eram como a poeira da estrada. Quanto a Bento Gonçalves, o autor preferia sabê-lo monarquista, a sabê-lo traidor, uma vez que ele pusera sempre a pátria acima da república, e pusera sempre o elevado sentimento da dignidade humana acima das paixões políticas de momento. Citando

³⁸ RODRIGUES. 1906a. p. 8.

exemplos de personagens históricos que, apesar de monarquistas, serviram, em nome do patriotismo, a causas republicanas, o historiador arrematava afirmando que os homens da revolução de 1835 tiveram, depois, representação na política do império, sem que disso lhes adviesse desdouro, porque continuavam a servir à pátria. Ainda a esse respeito, o escritor destacava que o vulto de Bento Gonçalves não diminuía de proporções e, antes se engrandecera, por saber que, embora conservando as suas convicções monárquicas, continuara a servir o Rio Grande como no momento podia servi-lo, e que se sacrificou para não abandonar os seus amigos e companheiros de armas³⁹.

Assim, a obra de Alfredo Ferreira Rodrigues desempenhou um significativo papel na interpretação historiográfica acerca da Revolução Farroupilha, segundo ele, o mais belo padrão de glórias para o povo rio-grandense, que, em dez anos de lutas, acentuou vigorosamente o seu valor, o seu patriotismo e a sua abnegação⁴⁰. O escritor, ao longo de sua carreira, se propôs a lançar suas preocupações

³⁹ RODRIGUES. 1906a. p. 10-12. Nas constantes tentativas de resgatar – e, por vezes, salvar – a memória de certos personagens, bem como de detratar a de alguns outros, essa era, para Ferreira Rodrigues, apesar de dolorosa, a função do historiador, afirmando: Ver como figuras, a que a tradição empresta proporções épicas, se reduzirem a informes estátuas de barro, que se hão de derrocar um dia, ao clarão da verdade, aos impiedosos golpes da crítica histórica, isto é que é doloroso, isto é que custa repetir (p. 11).

⁴⁰ RODRIGUES. In: MARIANTE. p. 63.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

sobre tudo aquilo que se relacionava com a república rio-grandense, reunindo para isso os documentos que pudesse conseguir, para mais tarde escrever a história daquela época, por ele considerada como memorável⁴¹. Rodrigues pretendia fazer uma história que se constituísse na glorificação daqueles heroicos campeões que souberam manter seus ideais à custa de sacrifícios de toda a sorte⁴², afirmando querer, de algum modo, tornar-se útil à sua terra, empreendendo escrever a história da revolução de 1835⁴³. Essa produção histórica e muitas das asserções de Alfredo Ferreira viriam a ter uma grande influência na edificação do movimento farroupilha como o fenômeno crucial da formação histórica gaúcha.

Desse modo, Rodrigues, gradualmente, foi firmando convicções quanto ao espírito republicano do conjunto dos revolucionários, e, progressivamente afastou-se da tese – muito em voga, sustentada mormente a partir da propaganda republicana – do republicanismo e separatismo como verdades inquestionáveis do conjunto do movimento rebelde, para a certeza de que a república e a ruptura institucional foram frutos das circunstâncias e que não eram elementos constitutivos do pensamento político de muitos dos líderes farroupilhas, dentre eles,

⁴¹ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 28 de maio de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

⁴² Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 31 de outubro de 1896 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

⁴³ Correspondência de Alfredo Ferreira Rodrigues de 14 de setembro de 1897 (acervo da Biblioteca Rio-Grandense).

principalmente, Bento Gonçalves. Essa ideia central do não-separatismo viria a ser incorporada ao conjunto da construção historiográfica sul-riograndense, notadamente aquela que prevaleceu a partir dos anos trinta, sustentado a tese da “brasilidade” da Revolução Farroupilha, ou seja, a tentativa de fazer prevalecer a concepção de que predominara no processo revolucionário um espírito nacional e não de ruptura institucional de parte dos revolucionários que teriam lutado contra um adversário difuso e pouco definido – a “tirania” –, mas não contra o conjunto da “fraternidade” brasileira⁴⁴. Nesse sentido, os escritos de Alfredo Ferreira Rodrigues exerceriam, através da constante reprodução historiográfica, um papel relevante na construção do mito de uma Revolução Farroupilha, moderada, cavalheiresca, não-separatista e, enfim, brasileira.

⁴⁴ 28 A este respeito, observar: ALVES, Francisco das Neves. *Brasilidade X separatismo: Osvaldo Aranha e a construção de uma identidade nacional para o Rio Grande do Sul*. In: ALVES, F.N. (org.). *Rio Grande do Sul: história, historiografia & memória*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 79-85.

Alfredo Ferreira Rodrigues e o mito da “paz honrosa de Ponche Verde”⁴⁵

Quanto à pacificação da Revolução Farroupilha, Alfredo Ferreira Rodrigues publicou, em 1898, no *Almanaque do Rio Grande do Sul para 1899*, com tiragem a parte, o estudo “A Pacificação do Rio Grande do Sul”⁴⁶, uma “memória” na qual o autor buscou destacar as causas do fim do conflito; os diversos personagens em ação, com ênfase para a atuação do Barão de Caxias, de Bento Gonçalves e de David Canabarro; as várias tentativas de edificação da paz; e os empecilhos à pacificação. O escritor intentou criar uma aura mítica e heroica para a guerra civil, e objetivou evidenciar a pacificação de 1845 como a “paz honrosa”, sem vencidos ou vencedores, em uma versão que viria a se repetir ao longo das décadas seguintes.

Para a construção de seu trabalho, Alfredo Ferreira Rodrigues utilizou-se de várias fontes – à coleta das quais dedicou boa parte de sua vida – como diários, ofícios, cartas, ordens do dia e manuscritos de vários dos personagens atuantes no conflito; bem como referenciais bibliográficos calcados nos escritos

⁴⁵ Adaptação de: ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e a “paz honrosa” de 1845. In: ALVES, F.N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 47-58.

⁴⁶ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *A pacificação do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Oficinas à Vapor da Livraria Americana, 1898. p. 5-61.

de Tristão de Alencar Araripe, Carlos von Koseritz, Fernando Luís Osório, Manoel Lourenço do Nascimento e Manoel Alves da Silva Caldeira; além dos anais da Câmara dos Deputados e do Senado, e, finalmente, documentos avulsos de seu arquivo, informações de testemunhas de vista e contemporâneos do fato e da “tradição oral”⁴⁷. Era através dessa seleção de documentos que o historiador buscava garantir a legitimidade de seu trabalho.

Dentre as causas atribuídas pelo autor para o encerramento do confronto entre rebeldes e legalistas estava o próprio desgaste daqueles, uma vez que a guerra se arrastava por oito longos anos, acabando por enfraquecer muitas das mais rijas têmperas, de modo que, nos acampamentos já não se cuidava zelosamente da vigilância, ficando tudo entregue ao abandono. Além disso, Ferreira Rodrigues fazia referência às vantagens que o império possuía em relação às forças rebeldes, destacando que Caxias tinha o tesouro imperial garantindo ao exército soldos, fardamentos, munições, petrechos bélicos; podia refazer os claros abertos nas fileiras com novos contingentes de outras províncias; tratava com os estados fronteiriços como de potência a potência, bem como o general era o senhor do litoral, eram-lhe trancas as comunicações por mar. Além disso, o militar acenava aos seus soldados com a certeza de uma recompensa, fosse-lhe ou não favorável a sorte

⁴⁷ RODRIGUES. 1898. p. 61.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

das armas, assim como seduzia os contrários desgostosos ou cansados da luta com anistias, que concedia liberalmente, vencendo pela brandura ou pela magnanimidade aos que não podia reduzir pela força⁴⁸.

Completavam esse quadro as próprias dificuldades vividas pelos rebelados, pois estava empobrecido o tesouro da república, rareando as suas fileiras dia a dia, obtendo-se dificilmente os artigos de primeira necessidade nas poucas povoações de campanha que lhe ficavam francas, além do constante ludíbrio da política dúplice dos caudilhos orientais e da falta de soldos, armas e munições, os quais teriam tornado insustentável a situação dos revolucionários. Na perspectiva de Rodrigues, as divisões entre as lideranças farroupilhas também constituíam significativos fatores para o enfraquecimento do movimento, destacando que a desorganização lavrava em suas fileiras, as dissensões políticas que haviam irrompido no Alegrete por ocasião da reunião da Constituinte, tinham também penetrado no seio do exército e os chefes, cuja união dantes fizera a sua força, estavam divididos. Ainda foi apontado pelo autor, como elemento motor à feitura da paz, o contexto platino, ou seja, a “ameaça” que viria a representar a Argentina rosista, explicando que, diante da possibilidade de uma guerra com o tirano argentino, seria mais “honroso” aos rio-grandenses proporem a paz, não como receio da derrota, porém

⁴⁸ RODRIGUES. 1898. p. 9 e 11-12.

com o intuito de evitar a absorção pelo estrangeiro ambicioso⁴⁹.

De acordo com as características histórico-historiográficas de então, Alfredo Ferreira Rodrigues centrou sua narração no personalismo, enfatizando o papel de certos indivíduos na edificação dos acontecimentos históricos. Nesse sentido, o Barão de Caxias foi destacado pela sua grande capacidade militar, que, junto da sua incomparável tática de político viriam a mudar a face dos acontecimentos. Sobre o general legalista, o autor afirmava que o seu exército se acostumara a amá-lo e a ter confiança nele, atuando cheio de esperanças e consciente de sua força. Caxias era também descrito como um guerreiro completo, ao aliar a audácia à prudência, ou ainda como disciplinador e organizador, conhecendo a fundo a arte da guerra e o coração dos homens. O militar era ainda descrito como o herói que, em um esforço hercúleo, conseguira consolidar um trono prestes a desmoronar e como um homem magnânimo que fazia a guerra por dever, mas que, depois do combate, chorava os mortos de um e de outro lado, pois eram todos filhos da mesma pátria, que deseja ver unidos⁵⁰.

Outro personagem amplamente destacado pelo historiador rio-grandino foi Bento Gonçalves da Silva, o qual soubera transigir, diante das dificuldades e, portanto, participou positivamente no processo de pacificação, sendo descrito como o guerreiro

⁴⁹ RODRIGUES. 1898. p. 13, 7 e 23.

⁵⁰ RODRIGUES. 1898. p. 5, 6, 8 e 22.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

denodado, cheio de serviços ao Brasil, que havia dado o seu braço vigoroso à defesa da República Rio-Grandense, ou ainda, como o homem cujos rasgos de magnanimidade, cujas façanhas heroicas, cujas aventuras terríveis, enchem páginas e páginas das mais belas dessa grandiosa epopeia da revolução dos farrapos. Já David Canabarro não contou com a mesma aprovação de parte de Rodrigues, que descreveu o líder farrapo como um homem rude, espírito inculto, cuja capacidade militar não estava à altura da situação, de modo que, apesar de uma alma de bronze, vazada no molde da dos heróis da Roma Antiga tinha sido colocado no comando do exército para lutar e não para ceder, servindo, por isso, como um dos obstáculos à construção da paz⁵¹.

Nessa linha, Alfredo Ferreira Rodrigues explicava também os elementos que serviram como empecilhos à execução definitiva da pacificação. Um deles estava ligado à persistência de alguns líderes farroupilhas na defesa do ideal federativo, preferindo a certeza do extermínio a uma transação que reputavam desonrosa, tendo ainda a arrogância de propor a paz como vencedores, impondo a condição do reconhecimento do Rio Grande como estado soberano, só depondo as armas mediante a federação. Havia desse modo, segundo o autor, exageradas pretensões de parte a parte, pois, os revolucionários queriam a federação ao império, ao passo que o governo exigia submissão completa, de modo que, a

⁵¹ RODRIGUES. 1898. p. 21-2 e 24.

primeira condição era inaceitável por parte do império, enquanto que importava a segunda em desdouro para os republicanos que a repeliram. Outro obstáculo estava ligado à fixação de certos líderes em prosseguir na guerra a qualquer custo, desprezando até mesmo as ofertas de anistia e, permanecendo, portanto, obstinados, apesar de tudo, a continuar na luta, manifestando-se um espírito tão firmemente resolvido que devia irritar toda a oposição⁵². Apesar desses descaminhos apontados, o historiador rio-grandino fez referência às várias tentativas entabuladas no sentido da pacificação, desde os primeiros passos até as negociações definitivas de paz, descrevendo os vários acontecimentos e personagens atuantes, acreditando que o fim do conflito se fizera em bons termos para ambas as partes⁵³.

A criação de um caráter heroico da revolta e dos revolucionários perpassa ao longo de todo o trabalho do escritor em uma verdadeira busca de edificar ídolos, cujas lições servissem ao aprendizado das gerações futuras. Nesse sentido, como exemplo, os rebeldes foram apresentados como aqueles que se batiam “por brio e por amor” à república, com uma “heroicidade digna de uma epopeia”. Os rebelados eram ainda descritos como indivíduos “sustentados apenas pela virtude”, e “gigantes mais admiráveis na adversidade do que nos dias prósperos”, ou ainda, “heróis que se sacrificavam”, mas deixavam aos pósteros o “soberbo exemplo” de um povo que

⁵² RODRIGUES. 1898. p. 22, 13 e 26-27.

⁵³ RODRIGUES. p. 15-28.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

prefere morrer lutando a aceitar a ignomínia da sujeição à força⁵⁴.

Foi nesse contexto de uma suposta heroicidade dos revolucionários que Rodrigues buscou construir a imagem da paz honrosa. Destacava o autor que Caxias se dera conta de que a revolução não podia ser vencida à força pelas armas, senão pelo total aniquilamento do Rio Grande, com sacrifícios enormes para o governo, de modo que um povo dessa têmpera não podia ser humilhado como vencido, sendo forçoso a também transigir com ele. Diante das negociações, o historiador rio-grandino destacava que não havia desonra na paz sobre tais bases, ainda mais quando o fator que melhor contribuíra para a consolidação do processo de pacificação seria exatamente um espírito orientado por uma “conciliação pronta”⁵⁵.

Assim, Alfredo Ferreira Rodrigues contribuiu decisivamente para a construção da imagem de uma paz honrosa quando se referiu ao encerramento do conflito farroupilha. Suas asserções quanto ao tema, bem como as do conjunto de sua obra sobre a Revolução Farroupilha, viriam a ser repetidas constantemente, atingindo significativa repercussão junto a vários historiadores gaúchos, chegando a cristalizarem-se como verdadeiros axiomas historiográficos. Ao eleger a “conciliação” como elemento norteador do processo de pacificação, Rodrigues fez referência ao contínuo desgaste dos

⁵⁴ RODRIGUES. 1898. p. 10 e 13.

⁵⁵ RODRIGUES. 1898. p. 23, 24 e 34.

revolucionários e às impossibilidades do império em sufocar plenamente o conflito, bem como às perspectivas de um conflito platino que se avizinhava e no qual a participação do Rio Grande do Sul seria decisiva na defesa dos interesses brasileiros. De acordo com os padrões historiográficos de então, o autor centrou a descrição acerca dos episódios da paz em torno das individualidades, aparecendo os personagens como atores históricos, magnânimos e heroicos, e não como portadores de interesses socioeconômicos e/ou políticos.

Nesse sentido, o autor explicava a pacificação pelo viés de uma guerra sem vencedores, na qual o orgulho e a honra dos sul-rio-grandenses não foram derrubados, uma vez que as forças legalistas teriam aceito todas as reivindicações dos revolucionários. No entanto, o historiador rio-grandino não abordou o fundamento pelo qual as reivindicações aceitas pelos imperiais estavam ligadas muito mais a elementos circunstanciais daquele momento em que se entabulavam as negociações, e não aos estruturais, ou seja, as questões de fundo – como a oposição entre centralismo e federalismo – as quais continuariam demarcando as relações entre o poder central e as províncias, por décadas; e os próprios limites do separatismo rio-grandense, dependente que era a economia provincial do mercado nacional. As premissas estabelecidas por Alfredo Ferreira Rodrigues teriam um eco significativo junto à produção historiográfica gaúcha acerca da Revolução Farroupilha e seus escritos a respeito da pacificação da

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

guerra civil contribuiriam decisivamente para a edificação do mito da “paz honrosa” de 1845.

Alfredo Ferreira Rodrigues e a imprensa gaúcha⁵⁶

A partir do final do século XIX, os estudos de caráter histórico a respeito da imprensa no Rio Grande do Sul passaram a ser mais freqüentes, levando ao reconhecimento do valor dos jornais como fonte histórica e à incorporação da história da imprensa como mais um dos elementos constitutivos da produção historiográfica sul-rio-grandense. Desse modo, a imprensa passou a ser historiada através de pequenos artigos, ensaios ou trabalhos monográficos publicados em anuários, almanaques ou nos próprios jornais, bem como em anais de congressos e simpósios e em edições comemorativas de certas datas, ou elucidativas a respeito da formação da Província/Estado, também foram escritos, em menor escala, livros tratando especificamente do tema.

Significativa parte dos trabalhos ligados a uma história geral da imprensa gaúcha foram produzidos em um momento no qual começava a dar-se uma definição do significado dos estudos históricos, de seu objeto, de sua função, bem como a delimitação das

⁵⁶ Adaptação de um breve trecho de: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa gaúcha: história, historiografia & política*. Rio Grande: FURG, 2000. p. 31-34, 38-42 e 102.

tarefas do historiador, realizada por intelectuais vinculados às instituições da cultura⁵⁷. Assim, a imprensa foi, na maioria das vezes, estudada por elementos sem uma formação acadêmica em História, predominando os trabalhos de jornalistas, advogados, funcionários públicos e militares. A inserção da história da imprensa nesse contexto historiográfico determinou o predomínio de uma historiografia informativa, na qual a sua unidade reside no tratamento da matéria marcada pela chamada história acontecimental que, às vezes, chega ao anedótico, ou ainda a um estilo próximo da reportagem. Nessa linha, na maioria das vezes, são característicos os procedimentos descritivos, ritmados pelos antes e depois, recheados de episódios, nomes e datas, além disso, o aparecimento e o desenvolvimento da imprensa são tratados como eventos desconectados de qualquer processualidade empírica⁵⁸.

Assim, os textos que tratam da história da imprensa rio-grandense limitam-se, muitas vezes, a realizar um arrolamento de periódicos, no qual o objeto estudado - os jornais - aparece isolado em

⁵⁷ ALMEIDA, Marlene Medaglia. *Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política e Sociologia, 1983 (Dissertação de Mestrado). mimeo. p.167 e 333.

⁵⁸ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *História da imprensa e da comunicação social no Rio Grande do Sul (bibliografia e notas para uma avaliação crítica)*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, 1983. p. 5.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

relação ao contexto histórico no qual se desenvolveu, de modo que dificilmente o tratamento da história da imprensa é ligado aos horizontes ideológicos do período estudado, bem como não promovem uma articulação entre os seus temas de análise e a sociedade e os contextos sociais particulares em que foram produzidos e sobre os quais tiveram efeitos esses mesmos jornais⁵⁹. Essas obras, na maior parte, privilegiam o estudo das características formais de cada um dos periódicos (como tipografia, preço, formato e número de páginas), considerados elementos fundamentais, em detrimento de uma análise mais profunda dos valores explícitos/implícitos dos jornais. A grande “discussão” historiográfica se dá em torno do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul, daí o aparecimento de uma série de títulos envolvendo a “gênese”, as “origens”, a “fundação”, ou os “primórdios” da mesma⁶⁰. Tal “debate” restringe-se, porém, a responder e discordar no que se refere a questões como o nome do responsável pela implantação de uma tipografia no sul, assim como o local e a data da mesma, sem elucidar outros elementos explicativos.

⁵⁹ RÜDIGER, 1983. p. 6-7.

⁶⁰ A respeito do surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul, observar: RÜDIGER, Francisco Ricardo. O nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*. v.13. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1985. p. 116-135.

A elaboração de catálogos, listas estatísticas, arrolamentos e levantamentos descritivos foram uma das formas mais comuns na abordagem a respeito da história do jornalismo gaúcho, de modo que esse tipo de trabalho foi desenvolvido desde as origens da produção historiográfica acerca da imprensa rio-grandense, ao final do século XIX, prolongando-se ao longo da centúria seguinte. Um dos autores que, na virada do século XIX para o XX, mais se dedicou no estudo da imprensa no Rio Grande do Sul foi Alfredo Ferreira Rodrigues. Seu trabalho inicial sobre esse assunto foi publicado em 1898, por ocasião das comemorações do cinquentenário do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande*, surgindo as primeiras de uma série de “Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul”⁶¹.

Nesse artigo, o autor destacava que escrevera “uma notícia histórica” da imprensa rio-grandense, desde o “primeiro jornal” até 1845, ano que fechava o “ciclo revolucionário”, descrevendo um total de quarenta e três jornais. Diante desse objeto de estudo, Rodrigues explicava os limites na realização de seu intento, assim como a intenção de ampliar o trabalho, afirmando que começara a tomar apontamentos de tudo que se relacionava com a imprensa, na esperança de que, dentro em pouco, teria material para um estudo detalhado. No entanto, complementava, afirmando que infelizmente os dados colhidos foram

⁶¹ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. *Diário do Rio Grande*. Rio Grande: 16/21 out. 1898b. p. 1-2.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

muito poucos, deficientes sobre a vida de alguns jornais e quase nulos no tocante a outros. Ainda assim, asseverava que, para não deixar de associar-se à comemoração do jubileu do *Diário do Rio Grande*, trazia os poucos dados que reunira, que serão, quando muito, o esboço de trabalho mais completo, que com vagar viria a escrever⁶².

No ensaio de 1898, Ferreira Rodrigues fez considerações sobre as características gerais da imprensa durante o período estudado, quanto à periodicidade e ao formato dos jornais, destacava a qualidade e a “feição moderna” daqueles periódicos, bem como a importância dos mesmos no desenrolar dos acontecimentos daquele momento⁶³. A partir daí, o autor passava a arrolar uma série de jornais, com breve abordagem das características formais de cada um. No ano seguinte, Rodrigues reeditava suas “Notas”⁶⁴, complementando-as com relação às

⁶² RODRIGUES, 1898b. p. 2.

⁶³ Para Alfredo Ferreira Rodrigues, era notável que uma imprensa, publicando-se tão poucas vezes e dispondo de tão acanhado espaço pudesse influir no espírito público de modo tão decisivo como influiu no período que vai de 7 de abril de 1831 a 20 de setembro de 1835. Pode-se dizer que o movimento revolucionário de 1835, ainda que obedecendo a causas múltiplas (...) foi preparado por essa imprensa liliputiana. Ela pesou muito seriamente na opinião e é inegável que alguns de seus órgãos tinham boa orientação e eram inteligentemente redigidos. RODRIGUES, 1898b. p. 2.

⁶⁴ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. In: *Almanaque Literário e*

anteriores, passando a catalogar cinquenta jornais, e ratificando o seu objetivo de trabalho, afirmando que, revendo nas horas vagas seus alfarrábios, que eram muitos, e os seus jornais velhos, que eram muitíssimos, veio-lhe a ideia de escrever uma notícia histórica da imprensa no Rio Grande do Sul, desde que se começou a publicar o primeiro jornal na Província, até mais ou menos o ano de 1845, em que terminou a Revolução, período da nossa história que afirmava ter mais seriamente estudado⁶⁵.

Apesar de organizar seus escritos, como ele próprio destacava, nas horas vagas, Ferreira Rodrigues sustentava a exatidão de suas pesquisas, legitimada a partir do contato direto com as fontes, afirmando, sobre os jornais, que de quase todos eles possuía ou teve à consulta coleções mais ou menos completas, de muitos lera apenas alguns números, mas não havia um só deles que tivesse feito referência de que não encontrasse notícia em outros jornais ou em documentos da época, ou de que tivesse informações precisas. Nesse sentido, o historiador rio-grandino sustentava que a relação que apresentava era, portanto, digna de confiança, podendo até não ser completa, mas sendo, pelo menos, exata⁶⁶.

Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900. Rio Grande: Editores Carlos Pinto & Comp. - Livraria Americana, 1899. p. 231-257.

⁶⁵ RODRIGUES, 1899. p. 231.

⁶⁶ RODRIGUES, 1899. p. 257.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

As outras “Notas” de Alfredo Ferreira Rodrigues foram publicadas em 1901⁶⁷, tratando-se da biografia do jornalista Cândido Augusto de Mello, que atuou em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, nas quais o autor também estabeleceu explicações sobre a imprensa naquela primeira cidade. Finalmente, em 1902, o autor publicou um “Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864)”⁶⁸, no qual ele realizava uma listagem de cento e oitenta e cinco jornais, catalogando-os quanto ao título, a localidade, o início e o fim da publicação. São apontados os periódicos das localidades de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Alegrete, São Gabriel, Bagé, Piratini e Caçapava. Nesse último trabalho, o autor ia ainda mais diretamente ao encontro de adotar como método descritivo o simples arrolamento, pois não realizava nenhum tipo de introdução explicativa quanto a seus objetivos, bem como não fazia considerações sobre as características dos jornais citados.

Assim, Alfredo Ferreira Rodrigues se associou à forma de escrever de vários outros autores que

⁶⁷ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Notas para a história da imprensa no Rio Grande do Sul: Cândido Augusto de Mello. In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1901. p. 151-154.

⁶⁸ RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Catálogo dos jornais publicados no Rio Grande do Sul (1827-1864). In: *Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1903*. Pelotas: Echenique, Irmãos & Cia. - Livraria Universal, 1902. p. 221-225.

versaram sobre a imprensa gaúcha e empreenderam uma reconstrução histórica baseada em um caráter descritivo, legando um representativo manancial de informações a respeito da imprensa no Rio Grande do Sul. Nesse quadro, cada um desses trabalhos representa, a sua maneira, uma parcela na estruturação do conhecimento histórico sobre a imprensa gaúcha. Os alcances e limites dos mesmos, passíveis de uma crítica historiográfica, estão intimamente ligados à visão dos respectivos autores de como fazer história, peculiar à tendência e ao momento histórico-historiográfico nos quais eles escreveram.

Nessa linha, a importância dos estudos como os empreendidos por Ferreira Rodrigues não pode ser diminuída ou desprezada, uma vez que as gerações de historiadores que se sucedem não se parecem, pois, o historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, às vezes sem o saber, as curiosidades, as inclinações, os pressupostos, em suma, a ideologia dominante, e, mesmo quando se opõe, ele ainda se determina por referências aos postulados de sua época⁶⁹. O pensamento histórico é acumulativo e não se pode ignorar a contribuição de historiadores de diversas correntes⁷⁰, e, nesse caso a contribuição que se encontra não é pequena,

⁶⁹ RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13.

⁷⁰ FLORES, Moacyr. *Historiografia: estudos*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989. p. 90.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

principalmente no tocante ao levantamento de fontes e à sistematização de dados⁷¹, ainda mais ao tratar-se da história da imprensa sul-rio-grandense, assunto no qual mesmo a menor das informações significa a recuperação de mais um fragmento para promover a sua reconstrução. Rodrigues deixaria, assim, através da documentação amealhada e da obra escrita, uma colaboração inquestionável aqueles que pretendem trilhar os caminhos da história, mormente a rio-grandina e rio-grandense, sendo esta herança valorizada em vários momentos, como o foi por ocasião da primeira Feira do Livro da FURG.

A Feira do Livro *in door*: a experiência de 1983

Em setembro de 1983, a FURG organizava a nona edição de sua Feira do Livro. Voltava o evento, de acordo com seu caráter alternado a realizar-se no centro da cidade, porém, dessa vez, ao contrário das demais edições, se localizaria não mais a céu aberto e sim - fugindo-se às difíceis condições climáticas normalmente presentes na comuna portuária nessa época do ano - em ambiente fechado, mais precisamente no auditório do Instituto de Educação Juvenal Miller. Organizada pelo Departamento de

⁷¹ RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993. p. 7.

Biblioteconomia e História e pela Superintendência de Extensão da FURG, a IX Feira do Livro foi também alusiva ao septuagésimo aniversário da instituição educacional cujo prédio lhe servira de sede.

A localização da Feira em local fechado tratava-se de uma experiência surgida muito mais por força das circunstâncias, mormente as constantes chuvas, do que uma opção estratégica de seus organizadores. Ao contrário, dentro de um prédio, a Feira do Livro perdia em parte uma de suas principais características – bem como um dos intentos primordiais de seus idealizadores – quer seja, o contato o mais direto possível com a população em geral, buscando desencadear um processo de crescente difusão da leitura. Ainda assim, a colocação da IX Feira não constituiu em absoluto um impedimento à efetivação daqueles objetivos, possibilitando, ainda que em menor escala, o contato da comunidade com um ambiente de aprimoramento cultural.

No citado ano, a FURG prosseguia em suas atividades de interação com a comunidade, como, por exemplo, ao oferecer curso de graduação na vizinha cidade de Santa Vitória do Palmar ou ainda com a criação de um centro de tradições gaúchas dentro da própria Universidade, entre vários outros compromissos de ordem extensionista por ela promovidos. Nesse contexto, a Feira do Livro já se constituía em momento de significativa importância nas inter-relações Universidade/comunidade, chegando a imprensa a fazer referência ao fato de que

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

a população aprontava-se e esperava aquele acontecimento cultural que se caracterizaria como uma das mais importantes interfaces culturais da FURG para com o ambiente humano no qual estava inserida.

A abertura da Feira ocorreu em uma sexta-feira, 16 de setembro de 1983 e os jornais anunciavam uma variada programação para a mesma. Aproveitando o fato de que o evento ocorria em local fechado, os organizadores buscaram centrar as atividades em torno de uma série de palestras, debates e mesas redondas, utilizando para isso os próprios escritores que compareciam à Feira para autografar suas publicações. Nesse sentido, a programação da IX Feira contou com um debate sobre literatura infantil, e posterior sessão de autógrafos da escritora Maria Dinorah Luz do Prado; outro debate ocorreu acerca da literatura sul-rio-grandense, com autógrafos de Lya Luft. Ainda autografou na Feira o caricaturista e escritor Henfil, que participou de explanação a respeito de literatura humorística. O jornalista rio-grandino Jayme Copstein também foi presença marcante no evento, falando sobre técnicas de redação jornalística. Alguns aspectos sobre a geografia da cidade do Rio Grande também seriam abordados na Feira, através de outro dos autores que nela autografaram, caso do professor da Universidade Eurípides Falcão Vieira⁷².

⁷² Jornal *Rio Grande*. Rio Grande. Ano 70, nº 215, 17 de setembro de 1983. p. 2.

Outra sessão de autógrafos foi com o escritor Paulo Waimberg, o qual também participou de uma mesa-redonda, no Campus Cidade da FURG, junto de Ary Quintela, Jayme Copstein e Antônio Hohfeldt, com alunos do Curso de Letras. Ocorreram também nessa nona edição apresentações da Hora do Conto, com o Grupo de Teatro da FURG, revelando a intenção dos organizadores de, além da leitura, estimular junto à população hábitos e gostos para variadas manifestações culturais. Na IX Feira do Livro, participaram seis livrarias e editoras as quais foram, Livraria Mundial, Livraria São Pedro, Livraria Bicho-Carpinteiro, Editora Sagra, Editora Guanabara Koogan e FEPLAN (Fundação Educacional Padre Landell de Moura)⁷³.

Ao localizar-se no auditório do Instituto de Educação Juvenal Miller, a Feira do Livro “de inverno” da FURG de 1983 prestava também uma homenagem àquela importante instituição educacional, na comemoração de seus setenta anos de existência. Nessa linha, o político e militar rio-grandino Juvenal Octaviano Miller foi escolhido para patrono da Feira. O rio-grandino Juvenal Miller (1866-1909) era engenheiro militar, bem como cronista, romancista, jornalista e político, tendo participado ativamente do movimento republicano no Rio Grande do Sul, constituindo um entusiasta defensor dos princípios positivistas.

⁷³ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 8, nº 2370, 16 de setembro de 1983. p. 3.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Seguidor do modelo castilhistaborgista, sendo filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense, Miller foi deputado à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul (1901), deputado federal pelo seu Estado (1903), Intendente de sua cidade natal (1905-1909) e Vice-Presidente gaúcho (1908-1909). No campo da cultura, Juvenal Miller fundou e dirigiu o jornal *A Denúncia* (Porto Alegre, 1888) e publicou vários escritos como o romance positivista *Professos* (1899), o *Discurso na solenidade do 4º Centenário do Descobrimento do Brasil* (1900), o *Discurso na Comemoração do 78º Aniversário da Independência do Brasil* (1900) e *Viagens ao Mato Grosso* (publicação póstuma - 1926). Proferiu várias conferências, além de ter atuado como professor nos porto-alegrenses Ginásio São Pedro e Colégio Corseuil, como secretário da Escola Militar de Porto Alegre e na fundação da Escola de Engenharia, em Porto Alegre e do Colégio Lemos Júnior, na cidade do Rio Grande⁷⁴.

Um dos destaques da IX Feira foi o estímulo ao contato direto com os escritores, através das sessões de autógrafos, bem como com promoção da possibilidade da população ter acesso a diferentes visões sobre a realidade de então, por meio da realização dos debates. Além disso, a imprensa também contribuía para levar a opinião de alguns autores ao público, publicando matérias sobre os

⁷⁴ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 369-370.; VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 321.

mesmos. Na época, o Brasil vivia mais um momento de inflexão histórica, com a abertura democrática tomando corpo, ocorrendo os estertores do regime militar, permitindo, desse modo que a intelectualidade voltasse a ter razoável espaço para exercer alguma liberdade de expressão⁷⁵.

Nessa conjuntura de redemocratização, um dos autores que se expressou através da imprensa, por ocasião da IX Feira do Livro, foi o jornalista e cartunista Henfil. Sobre a literatura humorística, o escritor explicava que não era fácil fazer humor, mas que o mesmo constituía uma maneira mais simples de compreender a realidade, em lugar de uma linguagem difícil, desconhecida para a maioria dos brasileiros, complementando sua opinião, ao afirmar que o humor não era apenas fazer graça, e sim uma forma de ver a realidade, em síntese uma forma

⁷⁵ Sobre este contexto histórico, observar: BAQUERO, Marcello (org.). *Brasil: transição, eleições e opinião pública*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995.; BARROS, Edgard Luiz de. *Os governos militares*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1994.; CHACON, Vamireh. *História dos partidos políticos brasileiros: discurso e práxis de seus programas*. 2.ed. Brasília: Ed. da UnB, 1985.; MOISÉS, José Álvaro & ALBUQUERQUE, J.A. Gilhon (orgs.). *Dilemas da consolidação democrática*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.; RODRIGUES, Marly. *A década de 80: Brasil – quando a multidão voltou às praças*. São Paulo: Ática, 1992.; SADER, Emir. *A transição no Brasil: da ditadura à democracia?* São Paulo: Atual, 1990.; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

“contramão”. Para o autor, um elemento que estava prejudicando o humor no Brasil era o humorista profissional, uma vez que, segundo ele, todas as pessoas deveriam praticar o humor⁷⁶.

Henfil fez referência também às viagens por ele empreendidas, das quais resultaram algumas de suas publicações, como no caso da China, destacando que assimilara conhecimentos com respeito à cultura daquele povo milenar; e dos Estados Unidos, destacando o medo e a aversão dos estadunidenses em relação aos latino-americanos. Esclareceu também que resolvera publicar algumas de suas cartas para levar ao público certas experiências vividas no exterior⁷⁷. Refletindo ainda mais diretamente o cenário político de então, o humorista também opinou sobre a situação nacional, afirmando que era plenamente a favor das eleições diretas e que não aceitaria nenhum candidato que não fosse indicado pela maioria do povo, fazendo referência também aos partidos políticos, com ênfase aos de oposição, e o seu papel naquele momento de transições⁷⁸.

⁷⁶ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 9, nº 2376, 23 de setembro de 1983. p. 5.

⁷⁷ Sobre suas experiências no exterior, à época, Henfil publicara: HENFIL. *Cartas da mãe*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.; HENFIL. *Henfil na China: antes da Coca-Cola*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.; e HENFIL. *Diário de um cucaracha*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

⁷⁸ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 9, nº 2376, 23 de setembro de 1983. p. 5.

Outro escritor, participante da Feira do Livro, que teceu comentários através da imprensa foi o jornalista rio-grandino Jayme Copstein, na época editor de cultura da seção “Livros e letras” do jornal *Correio do Povo*. A respeito do jornalismo, Copstein defendeu que um jornalista não nasce feito, sendo, portanto, necessária uma reforma nos cursos de graduação da área, e sugeriu aos aspirantes à carreira, como fator primordial, que lessem muito e jamais parassem de redigir. Sobre a difusão da leitura, Jayme Copstein opinou que a comercialização do livro, cobrando altos valores para a aquisição, não chegava a significar o real motivo pelo qual as pessoas não os adquirem, destacando, por analogia, que alguns livros custavam menos que cinco carteiras de cigarro⁷⁹.

Para Jayme Copstein, o que mais prejudicava o hábito da leitura era o desestímulo no segundo grau, o qual acabava por prosseguir já dentro das universidades. A imprensa também publicou em matéria sobre a Feira, as impressões apresentadas pelo professor da FURG, Eurípides Falcão Vieira que fez referências à sedimentação da Lagoa dos Patos, à poluição e a uma possível inundação a partir do degelo da calota polar⁸⁰. Nesse sentido, as matérias publicadas na imprensa sobre os participantes no evento poderiam ser sintetizadas a partir de uma

⁷⁹ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 9, n° 2378, 26 de setembro de 1983. p. 5.

⁸⁰ A respeito de algumas das observações do autor, ver: VIEIRA, Eurípides Falcão. *Rio Grande do Sul: geografia física e vegetação*. Porto Alegre: Sagra, 1984.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

manchetes à época estampada – “IX Feira do Livro traz a Rio Grande grandes talentos”⁸¹.

Apesar desse sucesso apontado pelo jornalismo, o êxito foi apenas parcial, uma vez que o intento de fugir aos humores de São Pedro, levando à Feira para o interior de um prédio acabaria por afastar o evento de uma de suas mais notórias características, ou seja, o epidérmico contato com o público em geral. O grande destaque da IX Feira foi a presença de Henfil, representando um dos maiores movimentos literários nas feiras já realizadas no Rio Grande⁸², já que o cartunista, segundo a imprensa de então, assinou 100 autógrafos, o que, proporcionalmente, representaria um número de 300, na Feira de Porto Alegre. Ainda assim, como lembrou o jornalista rio-grandino Jayme Copstein, com conhecimento de causa, a Feira do Livro da FURG estava bastante fechada⁸³, ou seja, fugia um pouco ao seu caráter de estar incrustada no cotidiano dos habitantes.

Apesar desses limites, a IX Feira do Livro demarcou a persistência na caminhada em direção ao incentivo à leitura, como destaca a imprensa, já no ano seguinte, explicitando que, diante do panorama de dificuldades no desenvolvimento das lides literárias que marcava o quadro nacional, se poderia avaliar devidamente a

⁸¹ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 9, nº 2378, 26 de setembro de 1983. p. 5.

⁸² *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 9, nº 2376, 23 de setembro de 1983. p. 5.

⁸³ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 9, nº 2378, 26 de setembro de 1983. p. 5.

importância de movimentos culturais que visavam a levar a literatura até o homem comum, aquele que passa na praça e que, muitas vezes, embora apto intelectualmente a desfrutar de uma boa leitura, não lembra sequer que o livro existe, servindo as feiras para despertá-lo dessa letargia. Nessa linha, avaliando as restrições impostas à Feira pela localização em ambiente fechado, o mesmo jornal, ao anunciar a próxima edição a realizar-se em praça pública, enaltecia a realização da XI Feira do Livro da FURG no Largo Dr. Pio, seu lugar de origem e de onde nunca deveria ter mudado⁸⁴. Ainda que sofrendo esses percalços restritivos, a Feira do Livro da FURG, em sua nona edição, permanecia dando prosseguimento aos intentos de seus idealizadores de continuar trilhando a seara da difusão cultural.

1984 – mais um historiador no patronato da Feira do Livro da FURG

Em 1984 se realizou a décima-primeira edição da Feira do Livro da FURG, retornando à sua tradicional localização – quando organizada no centro da cidade – na Praça Dr. Pio. Desde 1979, demarcara-se a alternância no lugar do estabelecimento da Feira, uma na área central da comuna, outra no Balneário Cassino. Nesse

⁸⁴ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, n° 2681, 2 de outubro de 1984. p. 2.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

sentido, em janeiro e fevereiro de 1980, 1981, 1982, 1983 e 1984 deram-se as edições “de verão” da Feira, na Praia do Cassino, ao passo que, em agosto de 1979, agosto e setembro de 1980, setembro de 1981, 1982 e 1983, ocorreram as edições no centro citadino. Nesse último evento, em 1983, ocorreu uma excepcionalidade, dando-se a Feira em ambiente fechado, no Auditório do Instituto de Educação Juvenal Miller, buscando-se uma fuga das intempéries climáticas desfavoráveis, traduzidas pelas constantes chuvas. Não se atingindo todos os resultados esperados, a Feira voltaria a realizar-se a céu aberto, em contato mais direto com o público.

A Feira de 1984 também ficaria marcada como a última edição a realizar-se na zona central da cidade, pois, a partir de então, o evento tornar-se-ia anual, fixando-se definitivamente sua localização no Balneário Cassino. A XI Feira do Livro deu-se entre 28 de setembro e 7 de outubro daquele ano e fez parte do calendário de atividades alusivas ao décimo-quinto aniversário de fundação da FURG. Mais uma vez os organizadores da Feira elegiam um historiador para constituir-se em patrono do evento. A escolha, dessa vez, recaiu sobre Abeillard Vaz Dias Barreto, escritor rio-grandino autor de uma monumental obra sobre a história rio-grandense-do-sul.

A última edição da Feira do Livro da FURG no centro da cidade

Noticiava a imprensa em setembro de 1984 que, mais uma vez, o público prestigiara a abertura da XI

Feira do Livro, com a presença de autoridades da Universidade e municipais e a apresentação de banda que abrilhantou a festividade que ocorreria na praça pública. Expunham seus livros oito livrarias que prometiam conceder vinte por cento de desconto nos preços de capa⁸⁵. Voltava a Feira a realizar-se em ambiente aberto, ao contrário do ano anterior quando ocorrera uma tentativa de mudança para um lugar fechado devido às condições climáticas, as quais, por vezes, atrapalhavam o bom desenvolvimento do evento. Como em tais circunstâncias a Feira não obteve o movimento das anteriores, voltava-se ao Largo Dr. Pio, mudando-se, no entanto, o período tradicional, passando-se para a virada do mês de setembro para outubro, início da primavera, na esperança de que as chuvas não perturbassem em demasia a realização do evento cultural⁸⁶.

Mais uma vez, os autógrafos constituíam um dos destaques da Feira do Livro, anunciando a imprensa a presença de “muitos autores famosos” na XI Feira. Um desses escritores foi o historiador Dante de Laytano que, além de autografar na Feira, proferiu palestra na Biblioteca Rio-Grandense sobre a filosofia da micro-história. O autor gaúcho Moacir Scliar, no mesmo local, também apresentou palestra a respeito da literatura sul-rio-grandense. Já Millôr Fernandes, além dos autógrafos, assistiu a apresentação de sua peça “Liberdade, liberdade”, encenada pelo Grupo de Teatro da FURG no

⁸⁵ Jornal *Rio Grande*. Rio Grande. Ano 71, nº 206, 28 de setembro de 1984. p. 1.

⁸⁶ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2679, 29 de setembro de 1984. p. 1.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Anfiteatro da Universidade. Após a encenação, Millôr participou, junto do jornalista rio-grandino Jayme Copstein, de um debate com os presentes. Outro escritor gaúcho que se fez presente nessa edição da Feira foi Luís Fernando Veríssimo, além da poetisa rio-grandina Lídiomar Pagano de Ávila⁸⁷. Continuava a Feira com sua tradição de trazer a público não só a difusão da leitura, como apresentações de palestras, música e teatro, contribuindo na expansão do horizonte cultural rio-grandino.

Além do desconto de vinte por cento, os livreiros participantes da Feira, por iniciativa própria, visando a criar mais um atrativo ao público leitor rio-grandino, organizaram a realização de um sorteio diário entre as pessoas que compareciam ao recinto da XI Feira do Livro⁸⁸. Dentre os autores nacionais, os mais vendidos, além daqueles que deram autógrafos durante o evento, figuraram Graciliano Ramos, Jorge Amado, Fernando Sabino, Cassandra Rios, Carlos Nejar, Dalton Trevisan e Henfil. Nessa edição da Feira, participaram as seguintes livrarias e editoras: Audipel, Bicho Carpinteiro, Editora da UFRGS, Livraria do Globo, Instituto Estadual do Livro, Livraria Mundial, Sulina e Vento Sul⁸⁹.

Por ocasião da Feira do Livro da FURG, a imprensa levaria a público a discussão acerca da importância da leitura, inclusive em suas matérias

⁸⁷ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2679, 29 de setembro de 1984. p. 1.

⁸⁸ *Jornal Rio Grande*. Rio Grande. Ano 71, nº 210, 3 de outubro de 1984. p. 1.

⁸⁹ *Jornal Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2685, 6 de outubro de 1984. p. 1.

editoriais. Nesse sentido, um dos jornais rio-grandinos comentava que era de se lastimar profundamente a existência de uma legião de pessoas aptas intelectualmente a usufruir da literatura e que não o fazem simplesmente por não adquirirem o hábito, por julgá-lo enfadonho e desinteressante. Segundo a folha, a influência da televisão era decisiva para o desestímulo à leitura no país, afirmando que aos leitores em potencial parecia mais simples entregar a mente à facilidade aparente do retângulo hipnótico, enclausurado em suas salas, a despeito da falta de criatividade das programações de televisão em geral⁹⁰.

Ainda segundo a perspectiva do mesmo jornal, o declínio no consumo de obras literárias chegara a ser alarmante no país, derivando daí a importância de eventos como as feiras de livros. De acordo com o periódico, para a paulatina recuperação do livro junto ao público em geral muito contribuíram os movimentos de popularização da cultura, ao descer esta de seu pedestal vetusto e despropositado de antes, para chegar junto ao povo, de forma aberta e descontraída, travando o primeiro conhecimento de uma amizade que, bem constituída, poderia vir a ser duradoura para muitos que viessem a sentir-se tocados pela magia das letras. Nessa linha, confirmava a folha que os movimentos apropriadamente denominados “feiras do livro” – nas quais o livreiro monta sua banca em praça pública para mostrar à população que o livro existe e que ele não

⁹⁰ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, n° 2678, 28 de setembro de 1984. p. 2.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

morde - têm em muito servido para a recuperação do prestígio da leitura onde são promovidos⁹¹.

O jornal confirmava a crescente popularidade da Feira do Livro rio-grandina, explicando que a mesma vinha se firmando nos últimos anos como um acontecimento já aguardado pela população, a qual vinha sabendo prestigiar e incentivar com sua presença e aquisições essa iniciativa tão auspiciosa⁹². A mesma publicação destacava ainda que a Feira do Livro da FURG consistia em empreendimento valioso no sentido de fazer levar ao rio-grandino, através, inclusive, do chamamento provocado pela presença de nomes de autores consagrados nacionalmente, o despertar do gosto pela leitura⁹³. Nesse constante embate pela divulgação das letras e propagação da leitura, a Feira teria por patrono o escritor Abeillard Barreto, também ele um batalhador pela cultura na cidade do Rio Grande, em um justo preito, conforme discurso proferido na abertura e como destacou uma das organizadoras do evento, ao explicar que aquela era uma homenagem ao historiador que conviveu com os professores e bibliotecários rio-grandinos, estudando a história do Rio Grande⁹⁴.

⁹¹ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2678, 28 de setembro de 1984. p. 2.

⁹² Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2678, 28 de setembro de 1984. p. 2.

⁹³ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2681, 2 de outubro de 1984. p. 2.

⁹⁴ Jornal *Agora*. Rio Grande. Ano 10, nº 2679, 29 de setembro de 1984. p. 1.

A Feira do Livro tem mais uma vez um historiador como patrono

Ao eleger Abeillard Barreto como o patrono da XI Feira do Livro da FURG, os organizadores do evento não escolhiam apenas um autor rio-grandino para ser homenageado e sim um dos mais importantes historiadores cuja obra ultrapassou em relevância o contexto local, perpassando às conjunturas regional, nacional e internacional, deixando escritos indispensáveis para aqueles que pretendem empreender uma interpretação histórica, mormente acerca da formação sul-rio-grandense. Empreendendo uma rede de relações com estudiosos dos mais variados lugares, dirigindo a Biblioteca Rio-Grandense, uma das mais importantes instituições culturais brasileiras e escrevendo ensaios, artigos e livros de cunho histórico, Abeillard Barreto constituir-se-ia em típico representante da intelectualidade de então e a homenagem prestada pela Feira do Livro, um ano após a sua morte, ficava plenamente legitimada e justificada.

Abeillard Barreto (1908-1983) empreendeu uma das mais notáveis obras acerca da formação histórica sul-rio-grandense. Funcionário de carreira do Banco do Brasil, Barreto dedicou-se com extremo zelo à coleta de fontes históricas, com as quais montou um arsenal de fontes imensurável sobre a formação histórica gaúcha. Esse amplo manancial de documentos foi doado à Biblioteca Rio-Grandense - encontrando-se em parte hoje na “Sala Abeillard Barreto” -, instituição cultural para a qual o escritor dedicou especial atenção ao longo

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

de sua vida, presidindo-a por treze anos, nos quais a mesma foi aprimorada e remodelada. O historiador pertenceu aos Institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Brasileiro, e do Uruguai e ao Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos.

Dentre a produção intelectual de Abeillard Barreto, destaca-se o clássico *Bibliografia Sul-Rio-Grandense*, obra sem precedentes no levantamento de dados acerca dos cronistas/escritores que em seus trabalhos fizeram referências ao Rio Grande do Sul. Além dessa, publicou também *Fontes para o estudo da história da ocupação espanhola do Rio Grande do Sul*, *A ocupação espanhola no Rio Grande de São Pedro*, *A expulsão dos espanhóis do Rio Grande de São Pedro*, *A expedição de Silva Pais e o Rio Grande de São Pedro*, *Tentativas espanholas de domínio do sul do Brasil*, *A opção portuguesa: restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento*, *A Colônia do Sacramento: aspectos náuticos da fundação e defesa*, *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul* e as obras póstumas *O Rio Grande de São Pedro* e *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*⁹⁵. Desse manancial de objetos de estudo, serão aqui destacadas

⁹⁵ ALVES, Francisco das Neves. Abeillard Barreto e a imprensa gaúcha: uma introdução ao tema. In: ALVES, F. N. (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 79-80. A respeito da biografia de Barreto, ver: LAGES, João Marinônio Carneiro. Apresentação. In: BARRETO, Abeillard. *O Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1985. p. 7-10.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978. p. 68.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1974. p. 52.

duas das abordagens empreendidas por Barreto, uma sobre os escritos de cronistas estrangeiros a respeito do Rio Grande do Sul e outra, acerca da imprensa gaúcha.

Abeillard Barreto e a construção de uma bibliografia sul-rio-grandense

Ao longo de sua carreira como historiador, uma das maiores preocupações de Abeillard Barreto foi a de amearhar e reunir documentos e informações sobre os cronistas e viajantes estrangeiros que tivessem realizado relatos sobre a formação sul-rio-grandense. Para isso, desenvolveu uma rede de relações com estudiosos e descendentes daqueles autores, recolhendo dados e documentação através de suas viagens e por meio de enorme quantidade de correspondências trocadas com os mais variados recantos do mundo. Tanto suas cartas quanto os resultados de suas pesquisas – documentais e bibliográficos – encontram-se hoje como parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Barreto apresentaria palestras em eventos e publicaria alguns dos resultados parciais dessas pesquisas, entre as décadas de trinta e setenta, até conseguir atingir seu intento, com a publicação de sua monumental *Bibliografia sul-rio-grandense* entre 1973 e 1976.

Bem antes de publicar sua *Bibliografia*, Abeillard Barreto apresentava trabalhos envolvendo a temática, caso de *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, publicado em 1937. No ensaio, o autor aborda os primeiros “cientistas” que fizeram alguma referência sobre o contexto sul-rio-grandense, em outras palavras,

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

os relatos de estudiosos que, em suas variadas – e por vezes múltiplas – áreas de atuação dedicaram-se a tratar de determinados fundamentos da vida gaúcha. Sobre essas primeiras incursões ao tema, o autor fazia referência a uma certa carência de fontes a respeito do Rio Grande do Sul – ainda mais quando em comparação com outras regiões do país. Segundo Barreto, nos primeiros tempos, raros haviam sido os visitantes do Continente de São Pedro e do Rio Grande do Sul Capitania, como poucos eram aqueles acerca da Província. Ainda sobre esses trabalhos inaugurais, o historiador rio-grandino lamentava a ausência da citação de fontes de parte dos autores, criando dúvidas, como no que se refere às obras de consulta, bem como à “ciência” em que trabalhavam os mesmos cronistas⁹⁶.

Convidado a participar dos *Fundamentos da cultura rio-grandense* – organizado pela Universidade do Rio Grande do Sul e que, junto dos anais lançados sobre cada uma das cinco séries do evento, com o conteúdo das palestras proferidas, constituiu um dos mais importantes acontecimentos para a história e a historiografia rio-grandense-do-sul – Barreto apresentaria o trabalho *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul*. Comprovava-se, através do convite dos organizadores dos *Fundamentos da cultura rio-grandense* para a participação do estudioso rio-grandino, o reconhecimento do mesmo pelos membros da academia, identificando no historiador um digno representante da intelectualidade gaúcha de seu tempo.

⁹⁶ BARRETO, Abeillard. *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1937. p. 4-6.

Nesse ensaio, Barreto voltava a referir-se aos motivos que levaram a que as descrições sobre a vida gaúcha se tratassem de um processo mais tardio, quando comparado ao restante do Brasil. Para ele, desabrigada, sofrendo o castigo periódico de fortes vendavais, sem acidentes físicos ostensivos que despertassem maior curiosidade ao olhar perscrutador do navegante dos primeiros séculos, a costa do Rio Grande do Sul, ainda mais pela má fama de sua barra de acesso, não apeteceu àqueles que deixaram de suas andanças o depoimento escrito, de que outras paragens, mesmo próximas, não são parcas, caso de Santa Catarina e Uruguai, cujas orlas marítimas tiveram a preferência dos primeiros exploradores desses mares. E complementava, afirmando que, somente mais tarde, quando em decorrência dos desembarques, se foram fazendo conhecidos os caminhos terrestres, que o Rio Grande do Sul se iria desvendando aos poucos aos olhos do mundo⁹⁷.

O estudioso rio-grandino explicava que as primeiras notícias sobre as terras gaúchas vieram dos roteiros das margens atlânticas e, depois, quando o índio e o gado passaram a representar fontes de exploração econômica, foram os caminhos interiores que conformaram os “itinerários” então conhecidos e, ainda mais tarde, foram as necessidades políticas e militares, determinando levantamentos cartográficos, que estimularam as explorações e desenvolveram o

⁹⁷ BARRETO, Abeillard. Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul até 1900. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1962. 5ª série. p. 15.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

conhecimento da gleba. De acordo com Barreto, o próprio fato de constituir um território litigioso entre as forças de expansão lusas e hispânicas também serviu como fator para que fossem mais raras as descrições sobre essas terras, restringindo-se, muitas vezes, às comunicações oficiais reservadas. Nas palavras do autor, foi com o alvorecer do século XIX que as narrações sobre o Rio Grande do Sul passaram por um incremento, tendo em vista que, àquela época, as sucessivas lutas no Prata, nas quais participaram numerosos mercenários estrangeiros, notadamente alemães, e a incipiente colonização estrangeira, sobre a qual, preferentemente, trataram autores daquela nacionalidade, que se desenvolveu o prelúdio das “explorações científicas” que se verificaram posteriormente a respeito do cenário sul-rio-grandense⁹⁸.

A respeito da nacionalidade dos cronistas que se referiram ao Rio Grande do Sul, Abeillard Barreto explicava que a contribuição dos portugueses era primacial, por terem sido eles os donos da terra; a dos espanhóis, dos primeiros tempos, foi igualmente importante pelas reivindicações em relação ao território; a dos ingleses se avantajaria com uma série de livros publicados, notadamente a partir da forte influência comercial da Grã-Bretanha; a dos franceses teve alguns dos nomes mais citados; bem como importantes também foram suecos, dinamarqueses, belgas, suíços, italianos, russos e poloneses, os quais ofereceram algumas dezenas de estudos que serviram para alicerçar, diretamente conhecidos ou não, os fundamentos da cultura rio-grandense. A esse respeito, na concepção de

⁹⁸ BARRETO. 1962. p. 15 e 17.

Barreto, a colaboração mais substantiva fora a dos germânicos, destacando que deveria ser de reconhecimento público a cooperação decisiva da inteligência alemã, com as sucessivas viagens de seus nacionais ao Rio Grande do Sul e com as centenas de livros e monografias que a respeito escreveram⁹⁹.

Fazendo um balanço de sua empreitada até então, Abeillard Barreto afirmava que, no levantamento bibliográfico que estava procedendo e ao acolher o convite que a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul lhe fizera, ficara empolgado pelo vulto qualitativo e quantitativo dessa contribuição, ao analisar as notas colhidas esparsamente em quase trinta anos de acesso a algumas bibliotecas do país e do estrangeiro. Barreto revelava uma proposta mais ampla, ao conclamar os estudantes e os estudiosos gaúchos a uma tarefa de maior truz, ou seja, a elaboração sistemática e cooperativa de um fichário da total bibliografia sul-rio-grandense, para que melhor os gaúchos se conhecessem àquela época, bem como no futuro. O autor apontava ainda que a centralização desse material poderia ser um cometimento de difícil execução, mas que também poderia ser satisfatoriamente substituída por um sistema de empréstimos inter-bibliográficos, os quais colocariam à disposição de todos, aqueles elementos de trabalho que estariam confinados aqui ou ali, reduzidos nos seus proveitos e apenas para a satisfação da vaidade da posse. Concluía o escritor que tal plano poderia sincronizar esforços e despertar aptidões, revelando-se, a partir dessas atitudes, um

⁹⁹ BARRETO. 1962. p. 46.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

conteúdo verdadeiramente universitário¹⁰⁰. De acordo com tais perspectivas, Barreto já deixava bem evidenciadas suas intenções que se consolidariam, mais de uma década depois, com a publicação de sua *Bibliografia sul-rio-grandense*.

Entre 1973 e 1976, o historiador rio-grandino lançaria o resultado final de suas incansáveis pesquisas, com a edição do livro *Bibliografia sul-rio-grandense*, o qual teve por subtítulo - contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul - no sentido de extrapolar conceitos como viajantes, cronistas, cientistas, entre outros, ou seja, sua obra se direcionava a apontar dados sobre todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram referências a mais meridional das unidades brasileiras. Nesse sentido, Abeillard Barreto oferecia ao público a mais completa obra acerca da temática abordada, fundamental para qualquer um que pretenda empreender estudos sobre o cenário rio-grandense-do-sul, constituindo, enfim, um verdadeiro marco na produção histórico e historiográfica gaúcha.

A respeito da perspectiva de abordagem de seu trabalho, Barreto afirmava que, a princípio, iniciara suas investigações fixando-se, essencialmente, no “livro”, nos viajantes estrangeiros ou nacionais, nos autores ou edições provinciais, modalidade que se revelou de difícil execução, mesmo se executada por uma equipe. Além disso, o autor explicava que também o conceito de viajante seria restritivo, uma vez que muitos dos que escreveram com proficiência sobre o Rio Grande do Sul nunca por lá andaram e, se ali estiveram, não foi em tal

¹⁰⁰ BARRETO. 1962. p. 46-47.

caráter. Na mesma linha, destacava que o “livro” seria apenas uma limitação física ao critério que pretendia dar à tarefa bibliográfica e, por isso, inclinara-se a superar essas limitações. Nesse sentido, buscou ampliar seus objetos de estudo, direcionando-se não apenas à literatura de viagem, mas englobando também trabalhos científicos, mapas, planos, artigos de revistas e jornais, relatórios, memórias, roteiros, correspondências e seus anexos, ou ainda a menção de pessoas que aparentemente nada publicaram sobre a província, mas cujos dados biográficos permitiam supor a existência de trabalhos de sua autoria a esse respeito¹⁰¹.

De acordo com essa visão, o escritor ampliava de forma descomunal seu horizonte de abordagem, o que lhe criou sérios obstáculos, transpostos, no entanto, em nome da fidelidade máxima ao intento de apresentar um trabalho o mais completo possível. A esse respeito, revelava Barreto que, se de sua pesquisa fossem excluídos todos aqueles documentos que não constituíssem a categoria “livro”, a tarefa teria sido fácil, mas o âmbito mais estreito lhe teria tirado a compleição decorrente do aproveitamento de todos os elementos que pudessem ser reunidos. Permanentemente atento à questão da coleta e da execução da crítica externa e interna dos documentos, o historiador destacava que, no surgimento de dúvidas, sempre buscara saná-las mediante a utilização de fontes idôneas, muitas vezes atingindo os arquivos locais ou municipais em meio aos quais seria possível encontrar os dados pertinentes¹⁰².

¹⁰¹ BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1. p. 1-2.

¹⁰² BARRETO. 1973. p. 2-3.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

Assim, Abeillard Barreto, apesar do enorme manancial de fontes levantado, revelava significativa modéstia, ao explicar que seu trabalho não era completo. Deixava ele evidenciada a visão consciente do historiador que reconhece que seus escritos podem vir a ser complementados, superados ou até refutados (o que, no caso em estudo, até então não ocorreu, e dificilmente ocorrerá), uma vez que a história constitui uma ciência cuja forma de aquisição do conhecimento é cumulativa, além do que, ela passa, constantemente por renovações e reorientações, mormente no campo teórico-metodológico, demarcando-se variadas formas de interpretação de acordo com os diversos contextos históricos e historiográficos.

Nesse sentido, Barreto explicava que, ainda que os bibliógrafos aspirassem a que seus trabalhos pudessem ser completos, tal desejo nunca seria atingido na execução, uma vez, que na maioria dos casos, sendo essas obras fruto de demorada pesquisa ou da acumulação de dados durante um período prolongado, na medida em que novos conhecimentos viessem a ser acrescidos, a evolução dos conceitos levaria a alterações ou modificações tendentes a destruir a unidade do trabalho e até a torná-lo claudicante, pela exclusão de fontes que só o tempo passaria a considerar válidas no contexto geral¹⁰³. Apesar das cuidadosas ressalvas expressas pelo próprio autor, até os dias de hoje, sua *Bibliografia* continua a ser uma obra insuperável e de consulta obrigatória a todos aqueles que pretendem edificar trabalhos sobre o Rio Grande do Sul.

¹⁰³ BARRETO. 1973. p. 1.

Abeillard Barreto e a história da imprensa rio-grandense¹⁰⁴

O significado da imprensa escrita ao longo do século XIX foi profundamente expressivo, de modo que aos historiadores não restou outro caminho a não ser o de incluir os jornais no rol das denominadas fontes históricas. Esse, no entanto, não foi um processo simples e imediato e, por muito tempo, as folhas impressas foram condenadas a um certo ostracismo historiográfico, verdadeira má vontade preconceituosa, sob a argumentação de que, por constituir uma fonte tendenciosa, o jornal não teria condições de vir a ser elevado ao *status* de documento histórico. Tais preconceitos foram gradualmente sendo vencidos, até pela convicção de que toda fonte história é, por si, menos ou mais tendenciosa, além do que, se passou a acreditar que as próprias tendências expressas pelos periódicos, frutos de convicções e/ou conveniências conjunturais/circunstanciais também poderiam vir a constituir um objeto de estudo histórico.

Assim, progressivamente, os jornais passaram a ocupar um espaço crescente como documentos concernentes à pesquisa histórica. Entretanto, muitas vezes, passou-se de um pecado a outro, ou seja, do conceito pré-estabelecido que alijava a imprensa, passou-se, em certos casos, a utilizar a mesma indiscriminadamente, como fonte sobre os mais variados contextos e acontecimentos históricos, sem ao menos

¹⁰⁴ Adaptação de: ALVES, 2001. p. 75-88.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

tomar os devidos cuidados quando se estuda esse tipo de documento. Todo jornal está inter-relacionado com sua conjuntura histórica, apresentando um dado norte editorial e algumas modalidades e estratégias que demarcam as suas construções discursivas, cabendo ao historiador ter um profundo conhecimento de todos esses condicionantes, o que nem sempre acabou sendo observado ou utilizado como pré-requisito ao estabelecer-se um mote de pesquisa.

Um dos elementos básicos que caracteriza essas falhas e/ou lacunas nos estudos que se utilizam do jornalismo como fonte está vinculado ao fato de que, em muitos casos, o pesquisador prende-se estritamente ao texto do jornal, utilizando as informações ali expressas como se as mesmas fossem o retrato fiel da realidade. Passam despercebidas - ou, por vezes, despreza-se deliberadamente - as condições de estruturação extra e intradiscursiva dos jornais, pelas quais eles recriam uma dada realidade, realocando, sintetizando ou metabolizando os fatos de acordo com as conveniências dos responsáveis pela sua edição. Desses casos, resulta uma reconstrução histórica distorcida e comprometida em relação aos seus resultados.

Tais falhas quanto ao conhecimento histórico promovido a partir dos jornais estão intrinsecamente relacionadas com a distinção que se deve fazer entre uma história “da” imprensa e uma história “através” da imprensa. No primeiro caso, o historiador busca desvelar as identidades, os padrões editoriais e as construções discursivas de um ou de um conjunto de jornais; já no segundo, o pesquisador intenta estudar um determinado elemento constitutivo de uma dada sociedade, por meio das informações expressas nos

periódicos. Em ambas são necessários os cuidados já descritos, porém, para o estudioso que objetiva entabular uma história “da” imprensa, isso é possível por si só, no entanto, para aquele que pretende realizar uma história “através” da imprensa, torna-se inevitável, ao menos de modo introdutório, estudar ou promover também uma história “do” jornal ou série de jornais com que pretende trabalhar, pois, só assim, terá as plenas condições de apreender o que está escrito nas linhas e nas entrelinhas dessa mesma folha ou coleção de folhas.

Nesse sentido, a articulação e a inter-relação entre a utilização da imprensa como fonte e/ou como objeto de trabalho – diferença por vezes sutil, mas fundamental – constitui um elemento crucial para o êxito dos empreendimentos científicos. Um obstáculo para esse termo satisfatório está no fato de que nem sempre é possível encontrar-se uma “história da imprensa” de um país, região ou cidade, sistematizada e reunida em um referencial único de informações, tratando-se, na maioria das vezes, de trabalhos esparsos e dados fragmentários entre si, fazendo com que o próprio historiador venha a ter que promover uma determinada reconstrução histórica que lhe permita o pleno conhecimento do documento a ser trabalhado.

No caso do Rio Grande do Sul, refletindo também as próprias características da conjuntura nacional, essa história “da” imprensa gaúcha vem sendo empreendida há mais de um século, através de artigos, ensaios, monografias e livros que versam sobre o tema. Esses trabalhos apresentam enfoques diferenciados entre si, variando desde catálogos, estatísticas, arrolamentos e levantamentos descritivos até pesquisas que buscam uma renovação metodológica. Sendo a história uma

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

ciência cujo conhecimento é cumulativo, todas as formas de abordagem acerca da história da imprensa rio-grandense, desde as obras que adotaram um modelo mais tradicional até aquelas mais vinculadas ao mundo acadêmico-científico das últimas décadas, prestaram sua contribuição para uma melhor compreensão histórica de um processo tão complexo como o foi o da evolução do jornalismo nas diversas comunidades rio-grandenses-do-sul¹⁰⁵.

Foi nessa conjuntura que o historiador rio-grandino Abeillard Barreto entabulou alguns de seus escritos a respeito do jornalismo gaúcho. Grande conhecedor da produção bibliográfica existente acerca dos mais variados elementos constitutivos da sociedade sul-rio-grandense, Barreto observava a urgente necessidade de um trabalho que sistematizasse as informações existentes e os escritos já realizados sobre a imprensa rio-grandense. Nesse sentido, o próprio autor destacava que a história da imprensa no Rio Grande do Sul ainda não fora completamente escrita, uma vez que, à exclusão dos trabalhos, sem dúvida valiosos, de Alfredo Ferreira Rodrigues, Coronel Tancredo F. de Mello, Dr. João de Oliveira, J. J. Cezar e Dr. João Pio de Almeida, pouquíssima coisa, aqui ou ali, é digna de nota¹⁰⁶. Nesse sentido, as pesquisas do escritor rio-grandino versando a respeito do tema viriam a colaborar

¹⁰⁵ Sobre a produção historiográfica acerca da imprensa rio-grandense, observar: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa gaúcha: história, historiografia & política*. Rio Grande: FURG, 2000. p. 31-103.

¹⁰⁶ BARRETO, Abeillard. A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. *Rio Grande*, 27 jun. 1935. p. 4.

significativamente com esse processo de construção histórica.

Os estudos do historiador sobre a imprensa gaúcha vieram a público, pela primeira vez, em um artigo publicado no jornal *Rio Grande* de sua cidade natal, no qual ele tratou da evolução do jornalismo rio-grandino, desde as suas origens, em 1832, até o fim da Monarquia¹⁰⁷. Barreto desenvolveu um copioso e profícuo trabalho de pesquisa histórica, levantando fontes documentais e bibliográficas sobre o assunto em foco, juntando através de recortes e anotações manuscritas e datilografadas praticamente tudo que se havia estudado sobre o jornalismo até então, assim, como por meio de seus levantamentos a respeito dos próprios jornais que circularam pelo Rio Grande do Sul e com os quais ele tomou contato¹⁰⁸.

Esses trabalhos acabariam por ser sistematizados, de modo que, por ocasião de seu falecimento, Abeillard Barreto deixaria elaborados os originais de sua obra sobre a imprensa gaúcha, os quais viriam a ser publicados, de forma póstuma, em 1986, ainda por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Em seu *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*¹⁰⁹, o historiador abordou os vários

¹⁰⁷ BARRETO, 1935. p. 4-5.

¹⁰⁸ BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Rio Grande do Sul (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--]; BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Rio Grande (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--]; e BARRETO, Abeillard. *Imprensa - Pelotas e Porto Alegre (anotações)*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, [19--].

¹⁰⁹ BARRETO, Abeillard. *Primórdios da imprensa no Rio Grande*

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

jornais que circularam nas mais importantes cidades do Rio Grande do Sul, entre as décadas de vinte e quarenta do século XIX, ou seja, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Sua maior preocupação foi a de realizar um arrolamento dos periódicos, mas não deixou de tomar o cuidado de inseri-los no contexto histórico em que circularam, caracterizado pelo processo de fermentação, eclosão, desenvolvimento e sequelas relacionados com a Revolução Farroupilha.

Como lembra Sérgio da Costa Franco, o historiador rio-grandino, ao longo da vida, desenvolveu como *hobby* a pesquisa bibliográfica e histórica, tendo-se tornado, à custa da pertinácia, contração ao trabalho e seriedade intelectual, o maior entendido em bibliografia de assuntos sul-rio-grandenses. Nesse sentido, segundo Franco, Abeillard Barreto foi um incansável trabalhador da cultura e, mesmo depois do grande sucesso de sua *Bibliografia Sul-Rio-Grandense*, acolhida com gerais aplausos, não se deteve em suas pesquisas, voltando os olhos para a metodização de um assunto que sempre o atraía: a história da imprensa nos primeiros anos do jornalismo gaúcho, quando vigorosamente refletiu a polarização política do período que precedeu e que testemunhou a Revolução Farroupilha. Como resultado, surgiram os originais de seu *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*, obra na qual continuou refletindo a sua cautela no armazenar e sistematizar informações¹¹⁰.

do Sul (1827-1850). Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986.

¹¹⁰ FRANCO, Sérgio da Costa. Apresentação. In: BARRETO. 1986. p. 1.

Ao buscar estabelecer um contexto para o desenvolvimento da imprensa gaúcha, em seus primeiros decênios de existência, Barreto utilizou-se de um componente intrinsecamente atrelado à evolução do jornalismo, ou seja, a legislação de imprensa, a qual, menos ou mais coercitiva, de acordo com o quadro de estabilidade/instabilidade político-institucional pelos quais passou o país, exerceu decisiva influência sobre os rumos das lides jornalísticas, uma vez que, a partir das leis de imprensa, e as possibilidades maiores ou menores de exercer-se o direito de expressão, os jornais poderiam manifestar-se mais abertamente (com ou sem riscos), ou ainda, muitas vezes, foram obrigados a expressar suas ideias de modo mais velado, ou, mais drasticamente, silenciar, nos momentos de cerceamento ainda maior¹¹¹.

Nessa perspectiva, Abeillard Barreto explicava que, à medida que evoluíam as práticas jornalísticas no país, natural e proporcionalmente, desenvolvia-se uma respectiva forma de controlar o discurso emitido a partir da imprensa. Segundo ele, quando em 1827, apareceu o primeiro jornal no Rio Grande do Sul, a legislação brasileira sobre liberdade de imprensa ainda engatinhava e era, mesmo, muito contraditória, por visar menos a ela que a censura ditada em contrapartida. Dessa maneira, afirmava que, quando da liberação e introdução das atividades tipográficas no Brasil, à época joanina, juntamente se organizara um órgão para

¹¹¹ Acerca da legislação brasileira de imprensa, no século XIX, observar: ALVES, Francisco das Neves. Legislação de imprensa no Brasil (1823/1923): um contraponto entre a Monarquia e a República. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*. n. 15. Curitiba: SBPH, 1998. p. 37-55.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes. Na interpretação do autor, não eram satisfatórias essas medidas, no entanto, a qualquer das partes em jogo, de modo que as regras viriam a ser alteradas em 1821, estabelecendo-se novas formas de controle, para impedir que se abrisse a porta à libertina dissolução no abuso da imprensa¹¹².

O escritor rio-grandino destacava também as medidas liberalizantes para a imprensa, a partir das ideias emanadas de Lisboa, ainda em 1821, o que contrastava com o clima agitado politicamente que marcava a transição que levaria à formação do Estado Nacional Brasileiro. De acordo com esse ambiente, Barreto declarava que a agitação política prévia à independência, que já começava a dividir os brasileiros natos do elemento português, o qual persistia em se manter fiel ao país de origem, tornava inexecutáveis os ensaios de legislação pertinente, não só por indefinição formal dos preceitos, como também pelo modo aleatório com que as penalidades eram até então definidas¹¹³.

A partir da fundação do Estado Nacional, o autor destacava que uma das preocupações dos legisladores brasileiros permaneceu ligada à questão da imprensa, tema recorrente na Assembléia Constituinte, lembrando a urgência de elaborar-se um projeto de lei dispendo sobre a liberdade de imprensa como princípio invulnerável, salvo nos casos ali previstos e que a tornassem inoperante, conforme preceitos devidamente codificados. Barreto fez referência à dissolução da

¹¹² BARRETO, 1986. p. 7.

¹¹³ BARRETO, 1986. p. 7-8.

Assembléia, o que levaria a efetivar-se uma lei de imprensa sob a forma de decreto, em 1823. Mesmo que, posteriormente, a Constituição viesse a garantir a plena liberdade de imprensa, fazia a ressalva de que os abusos deveriam ser apurados de acordo com uma legislação complementar, a qual, como destacava o historiador, custou a ser elaborada, fazendo com que o Imperador se manifestasse algumas vezes, cobrando providências do Legislativo, ainda mais em um momento histórico de conturbação, como passara a tornar-se o período final do I Reinado¹¹⁴.

Essa carência de uma legislação complementar, no comentário de Abbeilard Barreto, viria a ser satisfeita com uma lei de imprensa de setembro de 1830, a qual descia às minúcias, sobre as transgressões possíveis, além de prescrever as penas, pecuniárias e de prisão, em cada caso. Pouco depois, os crimes de imprensa passariam a ser julgados de acordo com os ditames do Código Criminal do Império, instituído a partir de dezembro de 1830. No que tange a essa legislação, Barreto destacava que praticamente, salvo em cinco ou seis casos, em Porto Alegre, de jornais que se publicaram antes de 1830, toda a imprensa dali, e da cidade do Rio Grande, no segundo quartel do século XIX, fundou-se e viveu sob tal égide. O historiador, ainda sobre o mesmo assunto, lembrou que, durante a revolta no Rio Grande do Sul, nada foi inovado pelos revolucionários farroupilhas, eis que no projeto de constituição da república rio-grandense, a determinação quanto à

¹¹⁴ BARRETO, 1986. p. 8-10.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

imprensa reproduzia quase *ipsis litteris* o texto da lei magna do Império¹¹⁵.

A seguir, Barreto passava a traçar um outro contexto, correlato a esse da legislação, relacionado ao acentuado contorno político-partidário do jornalismo brasileiro, na transição do I para o II Reinado, com destaque para o Rio Grande do Sul, onde se acirravam as disputas, em um caminho sem volta na direção à guerra civil. De acordo com isso, afirmava o autor que tinha sua razão de ser essa preocupação constante quanto aos abusos que se verificavam nos jornais que proliferavam no país inteiro ainda mais quando se tornaram mais profundas as diferenças entre os que mantinham as duas posições adversas. Quanto a esse partidarismo da imprensa, o escritor destacava ainda que, à época da gênese do jornalismo gaúcho, não poderia a imprensa local deixar de amparar-se em um ou em outro partido, quase sempre com compromissos panfletários, facilitados, aliás, pela intolerância política¹¹⁶.

No que tange à agitação político-institucional do período das Regências e aos seus reflexos junto ao jornalismo, Abeillard Barreto explicava que esse momento histórico foi deveras conturbado em matéria de imprensa, antes ou depois da morte de D. Pedro I, com a qual deveria ocorrer um arrefecimento da luta periodística, se não fosse as já engajadas diversas correntes políticas em que se dividia a opinião pública, com preponderância da facção liberal, cuja esquerda se insuflava com elementos alienígenas de grande atividade. Nessa linha, o historiador, a respeito das

¹¹⁵ BARRETO, 1986. p. 11-2.

¹¹⁶ BARRETO, 1986. p. 12.

diferentes frentes em conflito, explicava que, se feito o levantamento mais acurado de suas atividades, iremos encontrar entre os propósitos de todas elas, a publicação e a manutenção de jornais essencialmente políticos, concorrendo para extremar a luta entre os periódicos e, conseqüentemente, para maior divisão da população local. De acordo com esse contexto, o autor descrevia que é dessa época, sobretudo, a adoção de divisas ou epígrafes mais contundentes, visando aos opositores, como também o uso de apelidos ou apodos com que eram mimoseados os adversários, sobretudo os mais representativos da facção adversária¹¹⁷.

Barreto fez ainda referência a um gênero jornalístico também típico dessa época, ou seja, os praticantes da pasquinagem. Segundo ele, daquela posição quase extrema passaria a imprensa, fatalmente, a outra ainda mais inconciliável, enveredando muitos dos periódicos pelo caminho da mais desenfreada verrina, pois, à medida em que os ânimos tendiam a acirrar-se crescentemente, a solução que mais atendia aos interesses assim reprimidos era a da criação de pequenas folhas, sem periodicidade certa na maioria dos casos, e que atuavam irresponsavelmente como verdadeiros pasquins, atassalhando a honra dos desafetos por questiúnculas mínimas. Ainda no que tange à pasquinagem, o escritor destacava que os anos que antecedem de perto a abdicação de D. Pedro I, e nos que a sucedem, com a implantação da Regência e com o pesadelo de uma possível restauração foram aqueles em que esses pasquins proliferaram em todo o país, de modo que, no Rio Grande do Sul, onde já se escrevia o

¹¹⁷ BARRETO, 1986. p. 13.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

prefácio da Revolução Farroupilha, não poderia afastar-se do rumo apaixonado por que enveredara a imprensa brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro, a qual dava o tom a toda ela das respectivas províncias, despertando novos ódios ou acirrando antigas desavenças¹¹⁸.

A respeito do jornalismo político-partidário da etapa de formação da imprensa gaúcha, Abeillard Barreto informava que, muitas vezes, os jornais nasciam de iniciativas e esforços individuais, em nome de uma causa política. Nessa linha, afirmava ele que é admirável a devoção dos periodistas da época, que redigiam a notícia, selecionavam a transcrição, revisavam as provas, gerenciavam a tesouraria e a distribuição da folha e, em alguns casos, até faziam as vezes do tipógrafo, para manter acesa a flama jornalística que os abrasava, sem que em muitos casos houvesse sequer uma remuneração mínima a seus serviços. Assim, Barreto definia que a primeira fase da imprensa gaúcha se caracterizava essencialmente pelo jornalismo de natureza partidário-política, pois, ainda que tivessem ocorrido certas tentativas de práticas alternativas, buscando não se envolver diretamente com as frentes em confronto, eram os fatos políticos que mantinham o fogo sagrado do jornalismo da Província¹¹⁹.

Em seu trabalho, Barreto fez ainda algumas referências a uma nova etapa do jornalismo gaúcho que se desenvolveria a partir do encerramento da Revolução Farroupilha, momento no qual a imprensa pôde estabilizar-se, mantendo-se os jornais então existentes

¹¹⁸ BARRETO, 1986. p. 13-4.

¹¹⁹ BARRETO, 1986. p. 15.

por longos anos e obedecendo à orientação mais ou menos uniforme¹²⁰. Nesse sentido, o autor rio-grandino explicava que, com o término da Revolução de 1845, os tempos mudariam, já com menores perseguições e maior respeito pela liberdade de imprensa. Acerca dessa época, ele destacava ainda que nela os jornais evoluiriam, quase todos já em um formato maior, com feição moderna, mais noticiosos e publicando folhetins, que seriam então a última palavra nos jornais europeus¹²¹.

Nesse quadro, o historiador rio-grandino fez um amplo levantamento dos jornais que circularam nas mais importantes cidades gaúchas desde a década de vinte até a metade do século XIX, porém, diferentemente de boa parte dos arrolamentos até então entabulados, Barreto buscou relacionar os periódicos estudados com o contexto histórico nos quais eles se inseriram, mormente aquele relacionado com a época de formação, evolução e pacificação da Revolução Rio-Grandense de 1835-1845. Fosse o ambiente do controle discursivo, fosse aquele relacionado com o político-partidário, o autor não enfocou seus objetos de análise como elementos estanques e, ao contrário, buscou inter-relacionar os jornais entre si e com a conjuntura à qual estiveram vinculados.

Com *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul*, Abeillard Barreto, como já o fizera com o seu *Bibliografia sul-rio-grandense*, deixou uma obra fundamental para uma melhor compreensão histórica da evolução do jornalismo gaúcho, nos seus primeiros anos de existência, desde a gênese até o período pós-

¹²⁰ BARRETO, 1935. p. 4.

¹²¹ BARRETO, 1986. p. 15-6.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

revolucionário, em uma fase de afirmação das práticas jornalísticas. Também em seus escritos sobre a imprensa, Barreto utilizou-se de sua principal característica como historiador, ou seja, a copiosa coleta de dados, resultando em uma obra repleta de informações, imprescindíveis para aqueles que pretendem realizar estudos a respeito das lides jornalísticas no Rio Grande do Sul.

O trabalho de Barreto sobre os jornais gaúchos da primeira metade do século XIX contribuiu, assim, decisivamente para a reconstrução histórica entabulada acerca da imprensa sul-rio-grandense, em um processo que, crescentemente passou a valorizar o jornalismo, culminando, nas últimas décadas, com a incorporação definitiva dos estudos sobre a imprensa no rol dos temas inseridos na historiografia gaúcha. No contexto de grande carência de trabalhos que visam a abordar a história “da” imprensa gaúcha, os estudos de Abeillard Barreto vêm preencher uma lacuna significativa, servindo para orientar as pesquisas que buscam utilizar-se do jornalismo como objeto, e/ou como fonte para as análises históricas. Neste estudo foram apresentadas apenas algumas nuances sobre o trabalho do historiador rio-grandino, bibliógrafo e pesquisador, que deixou uma obra fundamental e imprescindível para os estudiosos da história gaúcha e cuja lembrança foi muito merecidamente demarcada na décima-primeira edição da Feira do Livro da FURG.

A Feira do Livro no Terceiro Milênio

A Feira do Livro da FURG tornou-se um dos eventos mais tradicionais praticados junto à comunidade da cidade portuária. Suas origens remontam ao final dos anos setenta, quando a FURG completava sua primeira década e dava mais um dos passos decisivos em direção à sua já consolidada prática extensionista, disponibilizando um evento onde a cultura passava a ser a moeda corrente. A partir de 1979, a Feira do Livro caracterizou-se por duas edições anuais, uma “de inverno”, realizada no Centro da Cidade e outra, “de verão”, entabulada no Balneário Cassino, constituindo uma das pioneiras em atividades do seu gênero a realizar-se em um balneário gaúcho. As edições semestrais perdurariam até 1984, quando as condições climáticas do inverno rio-grandino indicaram que o ideal seria a realização de um evento anual, efetuado no verão da Praia do Cassino.

Ao longo de mais de quatro lustros, a Feira do Livro, além do próprio mercado livreiro, movimentou a comunidade (local e de turistas), através da realização de diversificadas atividades, como espetáculos musicais e teatrais, recitais, exposições e palestras, promovendo a frequência de um grande contingente de visitantes em suas dependências, constituindo um facho de luz cultural a rasgar os horizontes do extremo sul brasileiro. A Feira já trouxe ao Rio Grande nomes ilustres da literatura sul-rio-grandense e brasileira, mas também abriu espaço para

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

novos autores, valores locais e regionais que viriam a se projetar em seus gêneros de escrita, e, finalmente, deu também oportunidade a escritores pouco conhecidos e cuja única pretensão era a de apresentar sua obra, possibilitando, assim, uma verdadeira democratização da difusão cultural, de parte dos autores e, ainda mais, oportunizar o seu alcance junto a um variado público, independentemente de peias de ordem social.

Evoluindo e aprimorando-se ano a ano, mais do que livros, a Feira tem permitido uma forte inter-relação com a comunidade, circulando no seu âmbito ideias, sonhos, fantasias, dando-se espaço e asas à imaginação, à educação, à formação estudantil e acadêmica, ao entretenimento e, enfim, à edificação de um cotidiano voltado à cultura. A aurora do Terceiro Milênio assistiria a continuidade da Feira do Livro da FURG, com a sua vigésima-oitava edição, ocorrida entre 26 de janeiro e 7 de fevereiro de 2001. Organizada pela Superintendência de Extensão (SUPEXT) vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROACE), a XXVIII Feira do Livro contou com expressivo número de livreiros e autores que autografaram suas obras e, de acordo com os “novos tempos”, teve por slogan a sugestiva frase “2001: uma odisséia na leitura”, em uma alusão ao clássico filme de Stanley Kubrik.

Mantendo a tradição de buscar superar-se a cada edição, a Comissão Organizadora (SUPEXT/PROACE) promoveria, para o ano de 2002, uma das mais marcantes edições da Feira do Livro da

FURG. Como de costume, os preparativos para o evento iniciaram bem antes de sua realização e, em agosto do ano anterior, a imprensa já divulgava a XXIX Feira, a acontecer, mais uma vez, na Praça Didio Duhá no Balneário Cassino. O novo slogan já fora escolhido - “Cone Sul: um retrato cultural” -, em uma referência à parte dos livros à disposição e do público atendido pela Feira. Ficaram também definidos a continuidade da vagoneta como logomarca e o horário de funcionamento, das vinte horas à uma da madrugada, conforme solicitações dos próprios livreiros. A escolha do patrono recaiu sobre o professor da FURG, Carlos Alexandre Baumgarten, autor de diversas publicações e uma verdadeira expressão cultural da universidade. Segundo a coordenação do evento, além do significado cultural do patrono, a eleição de um escritor da cidade tinha o objetivo de oportunizar que o mesmo “apadrinhasse” a Feira, com sua presença e carisma, bem como viesse a integrar ativamente as reuniões de preparação das atividades¹²².

A presença de Carlos Alexandre Baumgarten para patrono da XXIX Feira do Livro demarcou, com muita justiça, as atividades de um intelectual há muitos anos ligado às lides literárias e à difusão da leitura. Professor da FURG há vários anos, Baumgarten coordenava a Revista *Artexto*, do Departamento de Letras e Artes, o qual chefiou por

¹²² Jornal *Folha da Cidade*. Rio Grande, 28 ago. 2001. p. 5 28 ago. 2001. p. 5 e 29 ago. 2001. p. 9.e Jornal *Agora*. Rio Grande, 28 ago. 2001. p. 6.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

quatro anos, bem como era o Presidente do Conselho Editorial da FURG, órgão responsável pela linha editorial da Editora da Universidade, apreciando as diversas obras que se candidatam a ser publicadas por essa editora. À época, o professor coordenava o Mestrado em História da Literatura, um dos poucos pós-graduações que atuavam nessa específica área do conhecimento no contexto nacional. Dedicando sua obra a vários enfoques relacionados à Literatura, com destaque para a imprensa e a crítica literárias, recebeu o Prêmio Açorianos em 1999 e escreveu várias obras (artigos, ensaios, coletâneas e livros) sobre a referida temática¹²³.

No início de janeiro de 2002, a imprensa já anunciava a diversificada programação da XXIX Feira, com sessões de autógrafos, shows, apresentações artísticas e exposições¹²⁴. Segundo os jornais, a Feira do Livro aparecia como importante alternativa cultural e de lazer no litoral sul-rio-grandense,

¹²³ Jornal *Agora*. Rio Grande, 11 set. 2001. p. 2 e 12 set. 2001. p. 5.; Jornal *Folha da Cidade*. Rio Grande, 12 set. 2001. p. 5.; Jornal *Cassino*. Rio Grande, 14 set. 2001. p. 5.; e Jornal *Zero Hora*. Porto Alegre, 30 nov. 2001. p. 13. Duas das mais importantes obras publicadas pelo patrono foram: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, 1982.; e BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS/ IEL, 1997.

¹²⁴ Jornal *Agora*. Rio Grande, 8 jan. 2002. p. 7.; Jornal *Diário Popular*. Pelotas, 9 jan. 2002. p. 8.; Jornal *Folha da Cidade*. Rio Grande, 9 jan. 2002. p. 7.

atraindo significativo público para o conjunto de suas atividades¹²⁵. A inauguração do evento ocorreu às vinte horas do dia 24 de janeiro, com a presença de diversas autoridades. Com grande movimento de público, desencadearam-se apresentação de banda, espetáculo de música popular brasileira e a primeira sessão de autógrafos com o patrono da Feira.

Um dos grandes diferenciais da XXIX Feira do Livro da FURG em relação a suas edições anteriores foi a cobertura de suas dependências por meio de lonas especiais para esse tipo de atividade. Finalmente, a Feira conseguia prevenir-se contra um dos grandes adversários que a desafiou através de suas várias edições, quer seja, as intempéries climáticas. Assim, apesar das previsões de mau tempo (que não se confirmaram), ficava garantida uma ampla participação de público no evento¹²⁶. Tal estrutura montada para evitar os reveses advindos da chuva resistiu bem às poucas manifestações climáticas adversas que aconteceram durante o período da Feira, como noticiou a imprensa a respeito de ventos, chuva e granizo ocorridos ao entardecer de 29 de janeiro.

Em apenas quatro dias de funcionamento, a Feira já registrava uma presença significativa de público¹²⁷. Ao lado dos autógrafos, das apresentações

¹²⁵ Jornal *Diário Popular*. Pelotas, 20 jan. 2002. p. 18 e 24 jan. 2002. p. 21.; Jornal *Folha da Cidade*. Rio Grande, 24 jan. 2002. p. 5.; Jornal *Zero Hora*. Rio Grande, 24 jan. 2002. p. 25.; e Jornal *Agora*. Rio Grande, 24 jan. 2002. p. 5 e 25 jan. 2002. p. 1, 3 e 10.

¹²⁶ Jornal *Agora*. Rio Grande, 26-27 jan. 2002. p. 10.

¹²⁷ Jornal *Agora*. Rio Grande, 29 jan. 2002. p. 5.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

de cantores, músicos e de bandas, das exposições artísticas e de instituições culturais, a XXIX Feira do Livro trazia ao público algumas de suas já tradicionais atrações como a brinquedoteca¹²⁸ que atraiu milhares de crianças, a biblioteca virtual e o caminhão biblioteca. Além do acompanhamento muito próximo da mídia impressa e eletrônica, a Feira do Livro contou com a cobertura especial dos órgãos de divulgação da própria Universidade, como o *Jornal da FURG*, o *Jornal da Feira do Livro* e um trabalho especial da TV FURG e da Rádio Universidade, com boletins e programas especiais a respeito do evento, além do bastante popular RU Café, programa radiofônico da Rádio Universidade que, como novidade, além de ser apresentado pelas ondas do rádio, foi transmitido pela TV FURG.

A XXIX Feira do Livro da FURG também destacou-se pelo significativo número de livrarias, editoras e distribuidoras que colocaram seus livros à disposição dos visitantes. Dentre as casas livreiras que compareceram nessa edição da Feira, estiveram as rio-grandinas, Livraria da FURG, Mundial, Globo, Meditação e Seicho-no-ie; as porto-alegrenses, Artes e Ofícios, Calle Corrientes, Cathili, Conceitual, Instituto Estadual do Livro, Lisboa, Martins Livreiro, Paulus e RL; as pelotenses Nova Era, Santa Catarina, Santa Lúcia e Livraria da UFPEL; além de outras como Ave Maria (Bento Gonçalves), Santa Maria (Santa Maria), Maneco (Caxias do Sul) e Prazer de Ler (Canguçu). A

¹²⁸ *Jornal Agora*. Rio Grande, 2-3 fev. 2002. p. 10.

grande presença de público acabaria por garantir um mercado consumidor bastante razoável para os livros que foram colocados à venda com descontos de dez a vinte por cento, além de ofertas especiais e saldos que também foram comercializados.

Também foi marcante nessa edição da Feira o grande número de autores que se colocaram à disposição do público para autografar suas obras. Foram mais de meia centena de escritores presentes no evento, dos quais os maiores destaques em vendas ficaram por conta dos professores, discentes e alunos egressos da própria FURG, cujas publicações estiveram dentre as mais comercializadas durante a Feira. Apenas a título de exemplificação, dentre esses escritores estiveram o próprio patrono que lançava uma obra editada pelo Instituto Estadual do Livro a respeito de Moysés Vellinho, e vários autores que levavam à comunidade algumas das publicações da Editora da FURG, como das professoras Aída Borthairy Meirelles, Aimée Bolaños, Mairim Link Piva, Núbia Jacques Hanciau e Eliane Campello; além de outros livros, como do professor Claudio Omar Iahnke Nunes e ainda outro, advindo de um grupo de estudos ligados à História da Cidade do Rio Grande. Embora não tenha sido comercializado, e sim distribuído gratuitamente pela patrocinadora, a Superintendência do Porto do Rio Grande, o livro *Roteiro da costa do Rio Grande do Sul* foi o mais autografado de toda a Feira.

Encerrando suas atividades a 6 de fevereiro, a Feira era noticiada pela imprensa como uma atividade

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

que atingira plenamente seus intentos, de modo que sobre o evento os jornais estampavam manchetes como “Feira do Livro é sucesso”¹²⁹, “XXIX Feira do Livro superou expectativas”¹³⁰, e “29ª Feira do Livro encerrou com presença de grande público”¹³¹. Nesse sentido, a Feira demonstrava estar plenamente a contento com as premissas fundamentais para que esse tipo de evento atinja seus objetivos, uma vez que, na essência, o êxito de qualquer feira é proporcional à sua capacidade de atrair o público de sua comunidade, para o que é vital que ela descubra sua vocação natural, que tem que ser encontrada nas características culturais da própria comunidade, de modo que, a partir daí, devem ser efetuados, a cada edição, os ajustes necessários, mantendo-se as ações bem sucedidas e agregando-se novos valores, pois cada feira ensina como fazer a próxima¹³².

Atingindo mais de duas décadas de existência, a Feira do Livro, assim, estava plenamente de acordo com a comunidade em que é realizada, adaptando-se, constantemente às circunstâncias e conjunturas nas quais está inserida. O mais importante fim ao qual o evento esta direcionado, quer seja, a difusão da livro e a propagação da leitura ficaram cada vez mais garantidos, com a crescente participação do público

¹²⁹ Jornal *Folha da Cidade*. Rio Grande, 2-3 fev. 2002. p. 8.

¹³⁰ Jornal *Cassino*. Rio Grande, 8 fev. 2002. p. 3.

¹³¹ Jornal *Agora*. Rio Grande, 8 fev. 2002. p. 5.

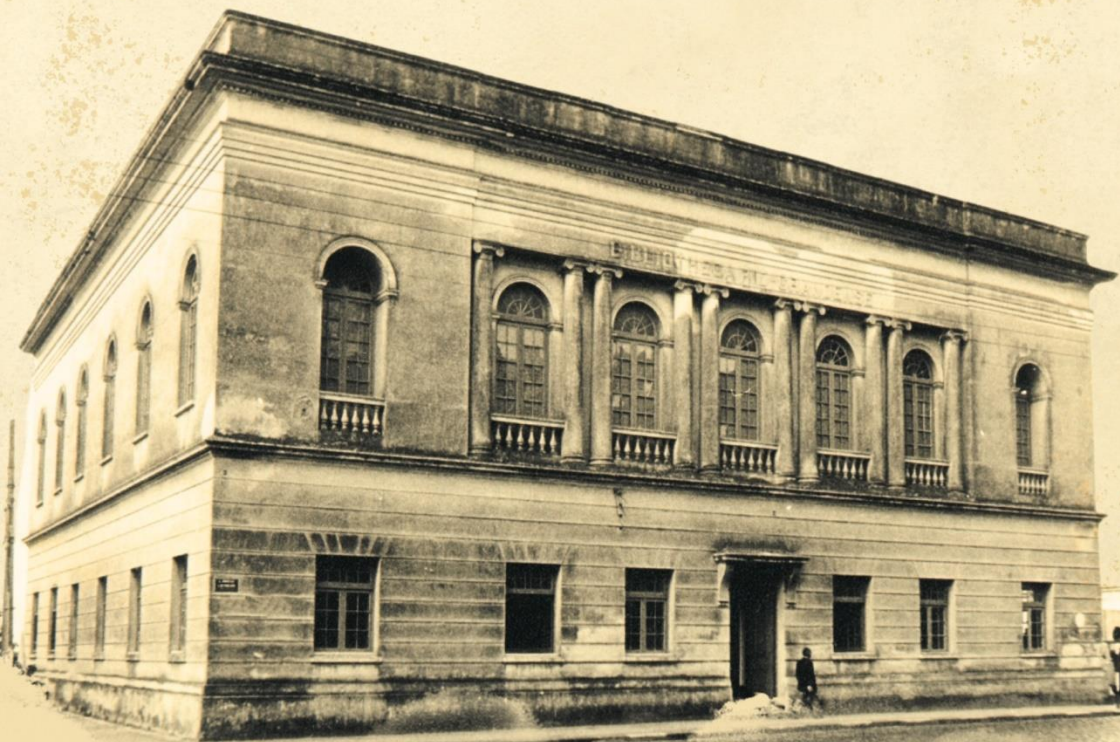
¹³² LEDUR, Paulo Flávio. Apresentação. In: ZANCHETTA, S. *Organização de feiras de livros*. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 2000. p. 7.

junto à Feira, contribuindo, inclusive, grandemente, para uma progressiva desmistificação e até popularização em torno da aquisição de publicações¹³³. Atravessando o século e o milênio, a Feira do Livro da FURG manteve seu compromisso de servir à comunidade, buscando saciar rio-grandinos e turistas em relação a uma das mais fundamentais necessidades humanas - a cultura, de modo que, ao final da XXIX edição, a Comissão Organizadora já

¹³³ Bentancur, narrando a respeito da ideia da criação da Feira do Livro de Porto Alegre, apesar de referir-se a um evento cronologicamente mais distante do que aquele das origens e desenvolvimento da Feira do Livro da FURG, explica o papel desses eventos que, por analogia, serve às várias feiras de livro que se consolidaram através das repetidas edições, caso da organizada na cidade do Rio Grande. Descreve o autor que a existência das feiras é fundamental, uma vez que, as livrarias enfrentavam uma espécie de indiferença do público, indiferença que no fundo servia muito para encobrir o constrangimento demonstrado pelas pessoas diante de um balcão elitista e armários de vidro que as separavam e a seu desejo (muito mais dúvida que desejo) do objeto sonhado (muito mais enigmático que sonhado). Ante o livreiro, àquele tempo muito mais preparado que hoje, naufragavam na inibição de quem só podia ver no atendente uma autoridade que o suplanta e que o impede de mover-se à vontade em meio ao produto ofertado. Era como se não houvesse ofertas. Produto privilegiado pela respeitabilidade, o livro acabava sofrendo - como ainda sofre - a maldição de quem, talvez, por possuir um destino superior, encontre poucos com fôlego para segui-lo. BENTANCUR, Paulo. *A Feira do Livro de Porto Alegre: 40 anos de história*. Porto Alegre: Câmara Rio-Grandense do Livro, 1994. p. 14-15.

DOIS ENFOQUES A RESPEITO DA CULTURA NA CIDADE DO RIO GRANDE

iniciava os preparativos da próxima Feira, cujo lema, de acordo com aquela ideia, viria a ser - Feira do Livro/Festa da Cultura.



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**
Fundada em 1846



9 786553 060906

ISBN: 978-65-5306-090-6